



# RECONSTRUÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DE SEIS SINCRONIAS DO LATIM AO PORTUGUÊS

PHONETIC AND PHONOLOGICAL RECONSTRUCTION OF SIX SYNCHRONIES FROM LATIN TO PORTUGUESE

Mário Eduardo Viaro<sup>1</sup>  
*Universidade de São Paulo*<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, pretende-se reconstruir os sons constitutivos (mas não os fonemas) de sistemas linguísticos em seis sincronias que formam a história da língua portuguesa. Objetiva-se descrever precisamente, em cada uma, os eventos que de fato ocorreram. Trata-se de uma primeira tentativa de organizar os fenômenos fonéticos em sincronias pretéritas da Península Ibérica, com ênfase nas variantes românicas faladas no Noroeste.

Palavras-Chave: Linguística Histórica. Etimologia. Linguística Românica. Fonética Histórica. História da Língua Portuguesa

**Abstract:** *This paper aims at the reconstructing the constituent sounds (not the phonemes) of some linguistic systems in six synchronies which constitute the history of the Portuguese language. It is intended to precisely describe the events that actually occurred in each one. This is a first attempt to organize the phonetic phenomena in preterite synchronies (i.e. non current synchronic stages) of the Iberian Peninsula, with emphasis on spoken Romance variants of Northwest.*

Keywords: *Historical linguistics. Etymology. Romance Linguistics. Historical Phonetics. History of the Portuguese language.*

---

<sup>1</sup> maeviaro@gmail.com

<sup>2</sup> Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa.

---

## 1 INTRODUÇÃO

No final do século XIX, as pesquisas relativas às chamadas “leis fonéticas” estavam bastante avançadas para línguas como o francês, o espanhol e o italiano, mas ainda eram incipientes para o romeno e para o português. Afora as ainda inexploradas “corrupções” detalhadas nas obras de Nunes de Leão (1576, 1606) e do caráter precursor de Leoni (1858) e Coelho (1868), será por volta de 1880 e no início do século XX que aparecerão as mais volumosas descrições sincrônicas e diacrônicas do português, consubstanciadas em nomes como Viana (1883), Vasconcelos (1887), Cornu (1888) e Nunes (1906), as quais forneceram informações sobre o português para os demais romanistas europeus, antes oferecidas quase exclusivamente por Diez (1836-1844). De todos, nenhum deles foi mais longe na descrição detalhada das leis fonéticas que Williams (1938).

O termo “sincronia” adquiriu o sentido técnico em Linguística após a publicação do *Cours de linguistique générale*, de 1916. Nele, prefere-se o termo “sincrônico” a “estático”. Na quinta edição de De Mauro (2005, p. 117), lê-se:

Les termes d'évolution et de linguistique évolutive sont plus précis, et nous les emploierons souvent; par opposition on peut parler de la science des états de langue ou linguistique statique.

Mais pour mieux marquer cette opposition et ce croisement de deux ordres de phénomènes relatifs au même objet, nous préférons parler de linguistique synchronique et de linguistique diachronique. Est synchronique tout ce qui se rapporte à l'aspect statique de notre science, diachronique tout ce qui a trait aux évolutions. De même synchronie et diachronie désigneront respectivement un état de langue et une phase d'évolution.

O caráter gráfico dessa oposição muitas vezes causou mal-entendidos. Uma língua jamais é estática de maneira absoluta, a menos que nos refiramos a línguas mortas com um único testemunho ou com testemunhos datados da mesma época. Caso contrário, línguas (vivas ou mortas) deixam seus testemunhos por períodos. Assim, fala-se de peculiaridades mais antigas ou mais recentes do hitita. Sabe-se também que antes do período “clássico” do latim, há vários testemunhos de um latim arcaico. Como não se pode imaginar uma língua natural imóvel, não é possível entender “estático” como oposto a “dinâmico” e o *Cours de linguistique* não põe a questão desse modo.

---

Uma sincronia (e sua estaticidade), portanto, só pode ser “artificial”. Igualmente artificial é a própria noção de “língua”, complexa demais para ser objeto da linguística, que deve preferir a noção de “sistema”, construto lógico sem o qual não há teorização possível. Um sistema linguístico, segundo o *Cours*, só existe em sincronia, pois, ao falarmos dele, enfoca-se seu aspecto funcional, como hoje se diria. Na famosa metáfora que compara o sistema linguístico ao jogo de xadrez, diz-nos o *Cours* na edição de De Mauro (2005, p. 43): “Si je remplace des pièces de bois par des pièces d’ivoire, le changement est indifférent pour le système: mais si je diminue ou augmente le nombre des pièces, ce changement-là atteint profondément la « grammaire » du jeu”.

Essa passagem deixa claro que não há mudança temporal somente em diacronia: o tempo, inerente à mudança (*changement*), é onipresente e também existe em sincronia. Prova disso é que percebemos a língua mudar discretamente ao longo de nossa vida, muito diferentemente do que se passa na lenta evolução biológica.

Deduz-se ainda dessa passagem que a noção de sistema inexistente no eixo diacrônico, uma vez que um sistema é algo que somente funciona em sincronia. Se muda o sistema, muda a sincronia.

A língua, diferentemente do sistema, perpassa os dois eixos porque é sabidamente uma entidade política e não apenas cognitiva. Não é só o conceito de dialeto que é vago e impreciso, também o é o de língua. Um linguista só poderia dizer estudar uma língua se abarcasse toda a sua variação sociolinguística e histórica. Dito de um outro modo, uma língua pode conter vários sistemas (e não vários “subsistemas”, termo que deve ser restrito aos diferentes módulos do sistema, por exemplo, o subsistema fonológico ou morfológico). Não há nem nunca houve língua natural uniforme. E não são raros os casos em que dialetos proclamam a sua independência e tornam-se línguas sem haver, ao menos inicialmente, qualquer mudança no seu sistema. Saber se dois dialetos pertencem ou não a uma língua não é uma questão da linguística descritiva, mas de políticas linguísticas.

Metodologicamente falando, a “sincronia atual” poderia definir-se como o período de tempo transcorrido entre a data de nascimento do falante mais idoso de uma língua até o dia de hoje. Contudo, como esse critério não seria aplicável para as sincronias pretéritas, recorre-se a divisões arbitrárias, baseadas em dados da chamada “história externa” à língua.

---

A mudança de um sistema para outro configura-se, no jargão do *Cours*, um movimento temporal conhecido por diacronia. A ciência genérica, da qual a diacronia faz parte, é a História, já a sincronia é um fenômeno facilmente associado à Psicologia. A relação contrária parece difícil de ser feita: faltam-nos os falantes das sincronias pretéritas para os testes psicológicos característicos da linguística sincrônica e falta-nos a compreensão histórica exata para categorizar diacronicamente fenômenos linguísticos atuais.

A descrição sincrônica de um sistema e a compreensão de sua diacronia, rumo a um sistema subsequente, são conceitos demasiado abstratos e só podem ser tratados sob uma abordagem teórica. Na realidade, o fenômeno linguístico remete-nos a células que se fragmentam até o nível individual e se pulverizariam, se não houvesse o fenômeno da comunicação, a qual nunca é absoluta. Os falantes que se comunicam têm apenas a sensação de que falam a mesma língua ou não. Essa sensação é reforçada não só pela experiência, mas também pelos discursos políticos e normativistas. Dado esse aparato artificial que sustenta as línguas, mesmo dialetos incompreensíveis entre si são considerados, às vezes, pertencentes a uma mesma língua e, não raro, corrupções dela.

Uma sincronia de uma língua em uso, portanto, não é apenas teórica, abstrata e una, mas pode ser entendida como real, concreta e múltipla. O elemento concreto de uma sincronia são seus testemunhos, nos quais a multiplicidade é a regra (sobretudo quando o elemento normativo não é demasiadamente forte). Uma sincronia, porém, para ser analisável, só pode ser artificial. Conceitos como “português arcaico” e “português moderno” não são sistemas, mas fases artificialmente recortadas da mesma língua, entendida como unidade política. Tanto o que se convencionou chamar de “português arcaico” quanto o chamado “português moderno” são conjuntos heterogêneos de vários sistemas. Talvez devido a uma visão arquetípica baseada no mito de Babel, seja bastante usual imaginar a diversidade apenas em etapas atuais e não nas antigas, mas nada é mais falso que isso. O “indoeuropeu” já era tão múltiplo quanto qualquer língua atual, senão mais, pois não há motivos que sustentem a sua uniformidade: não havia escrita, nem a unidade política de um império, nem unidades ideológicas como gramáticas, nem facilidades de comunicação que mantivessem a homogeneidade diatópica, diastrática e diafásica. Nunca houve mais variação linguística do que na pré-história.

---

Igualmente, não havia só um latim e havia todo tipo de variação no “português arcaico”.

São fatores modernos como impérios, escolas, gramáticas normativas e meios de comunicação que contribuíram para a diminuição da distância entre os sistemas e a formação da chamada *koiné*, que nunca é absoluta. Mesmo com abundância desses fatores, uma língua tende a se fragmentar sempre, até o nível individual. Não poderia ser de outro modo, pois a língua não é algo ideal: ou é real ou é projeção do real. O que pode ser ideal é o construto metodologicamente criado, a saber, o sistema. Eu, como falante, penso que sei como falo e penso que sei como os outros falam, mas isso é intuição e não ciência.

Os dados também provam que sempre houve variação diacrônica. No entanto, na ausência de dados, é possível lançar mão de um recurso teórico conhecido como reconstrução, que é a projeção não intuitiva de como seria o elo perdido numa sincronia- $x$ , tendo dados das sincronias  $x-1$  e  $x+1$ . A única exceção é a reconstrução de protolínguas, na qual não temos a sincronia  $x-1$  (e seria temerário reconstruí-la). Toda reconstrução de um dado  $y$ , pertencente a uma sincronia  $x$ , nota-se como  $*y$  desde meados do século XIX.

Sendo as sincronias períodos em que se situam teoricamente os construtos artificiais dos sistemas, convém que sejam verossímeis, para que haja a possibilidade do teste popperiano da refutação. O melhor modo de saber se uma afirmação é válida ou não no estudo etimológico, que varre sincronias pretéritas e diacronias rumo à sincronia atual, é ter como base a descrição das leis fonéticas distribuídas entre sincronias. Somente por meio delas, pode-se estudar em detalhe a irregularidade promovida por analogia e tantos outros fenômenos. (VIARO, 2011, p. 201-226)

## 2 DO LATIM AO PORTUGUÊS

Assim sendo, na transição do latim ao português, poderíamos elencar seis sincronias, dentro das quais podem flagrar-se vários sistemas:

- $S^0$  – Do latim comum à formação da *koiné* latina (entre o século I a.C. e o século V d.C.);
- $S^1$  – Do latim arcaico à formação do iberorromânico (entre o século III a. C. e o século V d.C.);

- S<sup>2</sup> – Do iberorromânico à formação do iberorromânico do Noroeste Peninsular (entre os séculos VI e IX);
- S<sup>3</sup> – Do iberorromânico do Noroeste Peninsular à formação do galego-português (entre o século X e o século XIII);
- S<sup>4</sup> – Do galego-português à formação do português antigo (entre os séculos XIV e XVII);
- S<sup>5</sup> – Do português antigo à formação do português moderno (entre o século XVIII e o XXI).

Observa-se que S<sup>0</sup> e S<sup>1</sup> ocorrem no mesmo período. A razão disso será apresentada abaixo. No tocante à “origem remota”, poderíamos falar ainda de outras quatro sincronias anteriores não tratadas neste artigo:<sup>3</sup>

- S<sup>-1</sup> – Do latim arcaico à formação do latim comum (entre os séculos III a.C. e I d.C.);
- S<sup>-2</sup> – Do itálico à formação do latim arcaico (entre os séculos VIII a.C. e IV a.C.);
- S<sup>-3</sup> – Do indo-europeu à formação do itálico (entre 4000 a.C. e o século IX a.C.);
- S<sup>-4</sup> – O período indo-europeu (entre 8000 e 4000 a.C.)

Sincronias anteriores a S<sup>-4</sup> não são verossímeis e não são passíveis da mesma metodologia de reconstrução aplicada a todas as demais. (VIARO, 2011, p. 91-94) Incluem-se nesse grupo não só as propostas monogenistas (como as de Marr ou de Trombetti), mas também o método greenberguiano e suas

<sup>3</sup> As seis sincronias propostas neste trabalho refletem a metodologia aplicada pelo Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP) expressa no seu manual e aplicada no campo Etimologia dos verbetes do projeto Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELPO). Para testar a regularidade das transformações fonéticas do latim ao português, dado um determinado *input* latino e detectar a consequente necessidade de explicações extra de origem alheia às chamadas leis fonéticas (como: influências analógicas, cultismos e irregularidades advindas da variação linguística), desenvolveu-se um programa computacional chamado Metaplasmador, levado a cabo em 2015 por Marcelo Li Koga, e disponível no *site* <www.nehilp.org>, na aba “Programas”.

---

derivações, muitas das quais fundem o indo-europeu com as chamadas superfamílias, das quais as mais famosas são a nostrática e a eurásiana (propostas por Wüllner, Pedersen, Illič-Svityč & Dolgopolsky, Dybo, Kaiser & Shevoroshkin, Cavalli-Sforza) ou ainda anteriores (propostas por Pejros, Bengston, Ruhlen, Semerano, Gramkelidze, Bomhard, Blažek).

No caso de étimos não latinos, podem-se classificar os testemunhos segundo a mesma cronologia, quando possível. Assim, uma palavra francesa que tenha sido comprovadamente agregada ao léxico português no século XIII será da sincronia S<sup>3</sup>, e se for do século XIX, será da sincronia S<sup>5</sup>. Uma palavra germânica antiga de S<sup>2</sup> se distingue de uma palavra vinda de uma língua germânica moderna de S<sup>5</sup>. Uma palavra árabe antiga pode estar na sincronia S<sup>2</sup> ou na sincronia S<sup>3</sup>, enquanto um empréstimo árabe moderno estará na sincronia S<sup>5</sup>, e assim por diante. Nos casos de estudos de origem remotas de étimos não latinos, o mesmo deve ser feito.

Cada uma dessas sincronias entende as línguas envolvidas como conjunto de sistemas, uma vez que é falsa a existência de línguas sem variação diatópica, diastrática e diafásica. Desse modo, só podemos dizer que há um único latim por causa da escrita, mas isso não é válido quando pensamos sobre as pronúncias regionais do latim e suas peculiaridades fonéticas, morfológicas, léxicas e sintáticas, só atingíveis por meio de reconstrução. Tampouco é verdade que tenha havido um iberorromânico coeso ou um só português antigo, uma vez que a tendência das línguas é a fragmentação. A convergência e a formação de uma *koiné* costumam ser artificiais e temporárias, embora o valor social que se dê a normas adotadas como padrão (quer arbitrariamente, quer por causa de preponderâncias políticas, econômicas etc.) não possa ser desprezado. Por sinal, quando muitas alterações linguísticas se acumulam, podemos dizer que houve uma mudança significativa na expressão (o que não tem relação direta com a questão da intercomunicabilidade) e isso, por sua vez, está indiretamente ligado a mudanças sociais. Os recortes sincrônicos são arbitrários, mas tentam refletir essas mudanças.

Além disso, na comparação entre sistemas sincrônicos, há tendências mais frequentes (ou mais visíveis) que outras. É sobre essas mudanças que se fundam as leis fonéticas. Tudo que foge dessas tendências é entendido como uma variante de menor difusão e, por definição, uma “anomalia”, isto é, uma mudança que não segue as leis fonéticas. Uma forma anômala pode refletir basicamente um destes casos:

- 
- uma palavra de alta frequência;
  - um exemplar de um sistema de menor difusão e de menor visibilidade dentro da língua;
  - uma palavra afetada pelo fenômeno da analogia;
  - um empréstimo.

### 3 O LATIM COMUM

É conhecida a história de sucesso da língua latina por meio da expansão do Império Romano. De língua regional e restrita, o latim passou a ser referência para toda a área dominada e mesmo para além dela. A história havia registrado movimentos semelhantes entre os assírios, os persas, os macedônios e etruscos, para citarmos apenas alguns. O fator que alavancou essas conquistas só pode ter sido o uso do bronze em armamentos. O Império Romano, assim sendo, foi um dos mais conhecidos. Mas seria ingênuo imaginar que se falasse um único latim no vasto território ocupado pelos romanos, mesmo que de forma impositiva. De que um padrão de latim se havia imposto não há dúvida, mas o sucesso de sua imposição é muito variável.

Menos inverossímil do ponto de vista histórico parece ser a adoção de um “latim vulgar” uniforme, objeto de reconstrução de muitos autores (MAURER Jr, 1951, 1959, 1962; SILVA NETO, 1956, 1957; VÄÄNÄNEN, 1962) e hoje questionado por vários outros, que propõem o rigoroso método de reconstrução indutiva de um “protorromânico”. (BUCHI; SCHWEICKARD, 2014) Afinal, é sabido que em línguas com forte diversidade linguística como as atuais Nigéria, Índia e Guiné-Bissau, é comum adotar uma língua franca que permita a intercomunicação (no caso dos dois primeiros, o inglês, e no último, o crioulo guineense). Essa situação deve ter sido bastante complexa nos primeiros momentos (tal como foi com o uso do hebraico moderno na formação do estado de Israel), mas atingiu em algum momento alguma estabilidade (mais precisamente, com o desuso das línguas minoritárias subjugadas em duas ou três gerações) e, com ela, uma diglossia, comumente descrita, de forma simplificadora, por meio da oposição entre o “latim clássico” e o “latim vulgar”.

A expansão territorial de Roma (e a subsequente constituição do chamado Império Romano) inicia-se no século III a.C., na Península Itálica, e conclui-se, do ponto de vista militar, no século II d.C. (conquista da Dácia, sob Trajano). Prolonga-se no século IV d.C., com a divisão dos Impérios Romanos

---

do Ocidente e do Oriente, após a morte de Teodósio I (395). Trata-se do período de maior documentação do latim, que representa a variante conhecida como “latim clássico” e as suas variantes faladas, obtidas por meio de reconstrução.

O latim falado, utilizado nesse período (“latim vulgar”), tinha diversas variantes regionais, que refariam suas estruturas na sincronia subsequente, após a invasão dos suevos, vândalos e alanos (476). Simultaneamente ao *sermo urbanus*, que se confunde em certa medida com o latim clássico, havia uma variação diatópica, diastrática e diatópica que é vagamente denominada como *sermo rusticus* ou *sermo vulgaris*. Na verdade, é possível pensar que o latim transladado para a Hispânia e para a África, logo após as guerras púnicas, tinha características do latim pré-clássico e de uma *koiné* itálica. Só posteriormente, as gerações formariam a língua franca chamada “latim vulgar” e essa se sobreporia ao “latim ibérico”, primeiro passo do chamado “iberorromânico”. O latim vulgar levado à Gália, com todas suas características fonéticas, morfológicas e sintáticas, se sobreporia à variante diatópica ibérica como língua veicular, mas não extinguiria todas as suas características arcaicas. Assim sendo, podemos imaginar um sistema representado pela sincronia-zero ( $S^0$ ) que se sobrepõe a outro sistema, um pouco mais antigo, denominado aqui de  $S^1$ , base para a formação das línguas iberorromânicas.

Somente depois da chamada Queda do Império Romano Ocidental, podemos pensar numa mudança sistêmica radical e, portanto, diacrônica, dada a maior dificuldade de comunicação entre os reinos, que obviamente continuaram a utilizar a variante escrita mais ou menos padronizada, cujas características são confusamente chamadas também de “latim vulgar” (às vezes despididamente como “latim bárbaro”), mas que espelham na verdade apenas uma tentativa de adequar o latim falado (o verdadeiro “latim vulgar” ou o “românico”, só atingível por meio de reconstruções) às únicas normas escritas conhecidas. Essa tentativa de adequação formam “testemunhos escritos” bastante importantes para a criação de hipóteses de como seriam os fenômenos linguísticos presentes em  $S^0 \approx S^1$ .

E como em algumas sincronias os testemunhos existentes não foram explorados suficientemente do ponto de vista linguístico, com a minúcia e o rigor necessários, valemo-nos com frequência de reconstruções quando se fala de sincronias pretéritas. Temos um alfabeto latino, cujas letras A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X Y Z são pistas para algum tipo de reconstrução. As informações subsequentes, como a separação intervocabular ou a duração

vocálica, são inferências filológicas trabalhadas durante séculos de estudo e assumidas, ainda que provisoriamente, neste artigo. É sabido, pela Paleografia, a complexa evolução dos alfabetos: apenas no caso estudado, passou-se do sistema alfabético fenício ao etrusco e do etrusco ao latino, o qual se desenvolveu subsequente nas formas da escrita capital, cursiva e nas formas das *tabellae* e, posteriormente, a uncial, a semiuncial, a escrita visigótica, a carolíngia, a gótica, a humanística e todas as demais formas modernas.

Abaixo apresentamos a reconstrução mais aceita da pronúncia do latim clássico a partir da sua escrita. Essas pronúncias estão associadas ao *sermo urbanus*. Como se sabe, no latim havia variações diatópicas, diastráticas e diafásicas, como em qualquer outra língua:

Vogais:		Consoantes e encontros consonantais:	
A *[a:]	A *[a]	B *[b]	BB *[bb]
E *[e:]	E *[e]	C *[k]	CC *[kk]
I *[i:]	I *[i]	D *[d]	DD *[dd]
O *[o:]	O *[o]	F *[ϕ]	FF *[ϕϕ]
V [u:]	V *[u]	G *[g]	
Y *[y:]	Y *[y]	GV *[g <sup>w</sup> ]	
		H *[h]	
Semivogais:		K *[k]	
I *[j]		L *[l] ≈ *[ɫ]	LL *[ll]
V *[w]		M *[m]	MM *[mm]
		N *[n]	NN *[nn]
Ditongos:		P *[p]	PP *[pp]
Æ *[aj]	AV *[aw]	QV *[k <sup>w</sup> ]	
Œ *[oj] ≈ *[ø]		R *[r]	RR *[r]
		S *[s]	SS *[ss]
		T *[t]	TT *[tt]
		X *[ks]	
		Z *[ts]	

---

A reconstrução fonética alavanca também a reconstrução de outros elementos de um sistema (sílabas, palavras, sintagmas) e permite até mesmo reconstruções de paradigmas (para a inferência de explicações analógicas verossímeis) e, por fim, a reconstrução fonológica, pois são exigidos pares mínimos para o estabelecimento do conjunto de fonemas de um sistema.

Todo tipo de inferência linguística sobre a transmissão falada (a única que justifica as “leis fonéticas”) se deve, portanto, aos grafemas e pode haver uma distância grande entre a projeção da pronúncia e sua forma real. Há, porém, vários tipos de reconstrução, alguns bastante surpreendentes. (EMILIANO; PEDRO, 2004)

Os sons \*[y] e \*[ø], por serem apenas vinculados a palavras de origem grega, só eram assim pronunciados por uma elite cultural de determinada época. O primeiro, em empréstimos antigos, provavelmente de uma variante falada do grego da Eubeia, converte-se em \*[u] e o segundo, quase sempre, transformou-se em [e]. Quando se popularizaram, no período pós-alexandrino da *koiné* grega, correspondem aos sons \*[i] e \*[e]. No entanto, a pronúncia \*[y] do “grego clássico”, posteriormente “restaurada” para \*[y] por uma pequena minoria culta de falantes de latim também convivia com a pronúncia \*[i] pós-macedônica, adotado pelo latim cristão. O mesmo é válido, em certa medida, para a transformação do \*[oj] > \*[e] proveniente do proto-italico.

O mesmo se pode dizer das aspiradas \*[p<sup>h</sup>], \*[t<sup>h</sup>], \*[r<sup>h</sup>] e \*[k<sup>h</sup>] que se pronunciam, na maior parte das vezes, como \*[p], \*[t], \*[r] e \*[k]. Devido à *koiné* grega, o primeiro som também era pronunciado como \*[f] ou \*[ϕ]. Aliás, a reconstrução como labiodental ou bilabial do F latino é algo ainda bastante sujeito a discussões.

O som \*[s̺] apicodental confluiu-se com um alofone \*[s], dorsoalveolar, proveniente sobretudo da pronúncia \*[ks], mas terá prosseguimento no latim falado ibérico, como se verá. A pronúncia \*[ts], utilizado sobretudo para palavras gregas, parece admitir um som dorsoalveolar, diferentemente de \*[ps̺].

Parece razoável admitir uma nasal velar \*[ŋ] para encontros como NC \*[ŋ\$<sup>h</sup>k], NG \*[ŋ\$<sup>h</sup>g], NQV \*[ŋ\$<sup>h</sup>k<sup>w</sup>] e NGV \*[ŋ\$<sup>h</sup>g<sup>w</sup>].<sup>4</sup> O -M final, sobretudo do acusativo, apocopa-se com facilidade, pois representava algum tipo de nasalidade distinta da bilabial (originalmente, talvez \*[ŋ#]). Há exceções

---

<sup>4</sup> Na notação fonética adotada, apresentam-se os limites silábicos (\$) e os limites lexicais (#). Além do ictus (') para marcar tonicidade, usa-se às vezes um símbolo especial (°) para as átonas. Também usam-se maiúsculas para determinados conjuntos, a saber: C para qualquer consoante, V para qualquer vogal, N para qualquer consoante nasal.

---

notáveis de sobrevivência da nasal em final absoluto de palavra em alguns monossílabos (CUM, IN, QUEM, REM). Esse tipo de realização é previsto para casos com alongamento compensatório, por exemplo, em MENSA onde temos \*[en\$̄] > \*[e:\$̄]. Perante a pronúncia bilabial \*[ϕ], só é possível admitir, \*[m\$̄ϕ] como pronúncia de NF.

É possível falar de uma diacronia entre S<sup>-1</sup> e S<sup>0</sup>, mas não entre S<sup>0</sup> e S<sup>1</sup>. Para haver diacronia, é necessária a mudança sistêmica, sem que imaginemos que de cada uma dessas sincronias consigamos obter sistemas puros e não heteróclitos. Cada sincronia, repetimos, é um conjunto de sistemas recortado no tempo de forma arbitrária (isto é, com uma finalidade descritiva), cada um com sua velocidade de mudança. O modo ideal de se fazer isso é observando fatores históricos e sociais significativos que reflitam, por exemplo, a dominação de um sistema por outro. Por paradoxal que pareça, podemos afirmar que é verossímil haver dentro de um recorte sincrônico mudanças sistêmicas e não sistêmicas (portanto não diacrônicas), pois há mudanças mais rápidas que outras.<sup>5</sup>

É necessário citar transformações muito antigas, que migrariam não só para a *koiné* do “latim vulgar”. Já se tratava de formas provindas da passagem diacrônica S<sup>-1</sup>> S<sup>0</sup>, que será a base para o “iberorromânico” (S<sup>1</sup>), a saber:

- A aspiração \*[h] desaparece completamente;  
Muitas vezes uma vogal anterior átona, isto é, \*[i], \*[i:], \*[e], \*[e:], em hiato convertia-se na semivogal \*[j]. Por outro lado, um \*[j] intervocálico original podia cair ou converter-se em \*[j̄]. O mesmo ocorre com as vogais posteriores. Um \*[u], \*[u:], \*[o], \*[o:] átono em hiato convertia-se em \*[w] enquanto o \*[w] original intervocálico ou em determinados encontros consonantais caía ou convertia-se em \*[v], por exemplo \*[nw] > \*[n] em posição postônica;
- O deslocamento acentual, algo que vinha já do latim arcaico, era afetado por essa ressilabificação. No latim arcaico, o acento de intensidade latino aparentemente caía sempre na primeira sílaba. Prova disso são as inúmeras apofonias no vocabulário latino, mais raras no latim clássico e pós-clássico, que transferiram o acento tônico ou para a penúltima (quando a vogal era longa ou quando seguida de mais de uma

---

<sup>5</sup> Prescindir da visão heraclitiana do *pánta rheî* e assumir uma visão parmenidiana ou platônica é cometer um erro com os dados históricos, pois não é a comunicação que está em jogo, mas a descrição dos fatos. (VIARO 2012) Para além da comunicação propriamente dita, o conceito de formas ideais só aparecem, como construtos úteis, na teoria da reconstrução e na teoria da simulação comunicativa.

consoante) ou para a antepenúltima (quando a penúltima vogal era breve seguida de uma só consoante ou vogal);

- Ocorre a prótese de um *e-* em palavras iniciadas com s+consoante, isto é  $*[\#sC] > *[\#esC]$ . Tal fenômeno é regional e associado ao latim vulgar falado no Ocidente. Na posição inicial também parece ser antiga a nasalização  $*[\#ek\$s] > [\#in\$s] \approx [\#inc\$s] \approx [\#in\$z]$ ;
- Alguns encontros consonantais sofrem assimilação, por exemplo,  $*[p\$s]$  cedo se converte em  $*[s\$s]$  e o mesmo parece ter acontecido com  $*[r\$s] > *[\$s]$ ;
- A palatalização de  $*[k]$  e  $*[g]$  em suas variantes alofônicas  $*[c]$  e  $*[j]$  diante de vogais anteriores e da semivogal [j] terá muitas consequências subsequentes, pois esses sons formarão fonemas independentes;
- Outra característica ocidental é a pronúncia palatalizada ou fricativizada do  $*[l]$  como segundo elemento do ataque silábico, opondo-se à pronúncia velarizada de coda, já existente no *sermo urbanus*, ou seja, torna-se cada vez mais frequente a transformação  $*[CIV] > *[CAV]$ . Essa pronúncia concorria diastrática ou diafasicamente com a pronúncia não palatalizada, como comprovam os casos de etimologia divergente;
- Posterior a essas mudanças, a perda da quantidade vocálica gera os diversos “vocalismos”, que distinguem o protossardo do românico ocidental e oriental. No caso que nos interessa (o românico ocidental), as breves tornam-se mais abertas e as longas mais fechadas, ou seja:

$*[a:] > *[a]$	$*[a]$
$*[e:] > *[e]$	$*[e] > *[\epsilon]$
$*[i:] > *[i]$	$*[i] > *[\text{I}]$
$*[o:] > *[o]$	$*[o] > *[\text{o}]$
$*[u:] > *[u]$	$*[u] > *[\text{u}]$

Normalmente,  $*[\epsilon]$  e  $*[\text{o}]$  se fecham em  $*[e]$  e  $*[o]$  na posição átona. Essa mudança sistemática é comumente chamada de “vocalismo do latim vulgar”. Inclui-se aqui a monotongação de  $*[aj] > *[\epsilon]$ , que parcialmente afetou  $*[aw]$ , que às vezes se mantinha, às vezes se convertia em  $[\text{o}]$  ou em  $[\#a]: [a' \text{go}\text{ʃ}\text{t}\text{o}], [a\text{sk}\text{u}\text{f}'\text{tare}]$ .

Fato é, contudo, que nesse sistema, convivendo ao lado da variação de S<sup>0</sup> e sendo parte dela, a distinção entre longas e breves já não se fazia como é inferido da leitura de Cícero (*De oratore* LI, 173) e testemunhado no “afrorromânico” por Santo Agostinho (*De doctrina christiana*, IV, 24), passagens sobre as quais discorre Bassetto (2010, p. 23):

[...] dispomos de um terminus a quo, o testemunho de Cícero (106-43 a.C.) sobre a vigência da quantidade entre a massa popular, e um terminus ad quem, a declaração de Santo Agostinho (354-430 d.C.) de que esse elemento linguístico se perdera no lat. vulg. Trata-se, sem dúvida, de um período bastante longo, não porém demasiado, considerando-se a grande importância do sistema de quantidade no sistema lat., ainda herança do ind.-eur., e acentuando-se a morosidade inerente a esse tipo de alterações. Desse modo, o processo de desaparecimento da quantidade como elemento fonológico estendeu-se lentamente por cerca de quatro séculos, não sendo possível fixar-lhe uma data precisa. Parece suficiente saber que no século V havia sido substituída completamente pelo acento de intensidade no lat. vulg., embora certamente a quantidade continuasse presente em outros níveis, como no culto e literário.

- É notável o número de sínopes que ocorrem ao longo dessa sincronia, tanto de pretônicas quanto de postônicas (como atesta o *Appendix Probi*, do século IV, em pares como “*speculum non speclum*” AP3), o que gerou um grande número de encontros consonantais antes desconhecidos:

Pretônicas:	Postônicas:
$\$b_i\$l > \$bl$	$\$b_i\$l > \$bl$
$\$bo\$r > \$br$	$\$bo\$l > \$bl$
$\$bu\$l > \$bl$	$\$bu\$l > \$bu\$l \approx \$bl$
$\$d_i\$k > \$d_i\$g \approx \$dg$	$\$de\$k > \$d\$g$
$\$gu\$l > \$gl$	$\$gu\$l > \$gl$
$jo\$r > j\$r$	$\$k_i\$t > j\$d$
$\$k_i\$t > j\$d$	$\$ko\$l > \$kl \approx \$gl$

	$l_1k^w > l_g$
$l_1k > l_g$	$l_1k > l_g$
$l_1t > l_d$	$l_1n > l_n$
$m_1l > m_1l \approx m_l$	$m_1n > m_n \approx m_n$
$m_1t > m_d$	$m_1t > m_d$
$m_o r > m_r$	$m_o l > m_o l \approx m_l$
$n_1k > n_g$	$n_1m > n_m$
$n_1t > n_1t \approx n_d$	$n_1k > n_g$
$p_o t > p_t$	$p_o r > p_r$
$r_1t > r_d$	$p_o l > p_l$
$t_1m > t_m$	$r_1k > r_g$
$t_1k > t_g$	
$w_1t > w_d$	$s_1t > s_t$
	$s_1m > z_m$
	$t_e r > t_r$
	$t_o l > t_d l$
	$t_o r > t_r$

As síncopes vocálicas após a semivogal \*[w] conservaram-na como semivogal e nunca a transformaram em \*[v], o que indica ser fenômeno mais antigo do que a lenização das semivogais:  $\check{A}M\check{A}V\check{I}T > *[a'maw]$ . Essas síncopes aparecem no latim clássico:  $AMAVISTI \approx AMASTI$ ;  $AMAVERVNT \approx AMARVNT$ ;

- As antigas formas labializadas  $*[k^w]$  e  $*[g^w]$ , provenientes do indoeuropeu, alternavam livremente com  $*[kw]$  e  $*[gw]$ . Isso promove instabilidades e simplificações em situações específicas como  $*[\#s^kwa] > *[\#ska]$ . Esse fenômeno parece estar diretamente ligado à oscilação  $*[\#k] \approx *[\#g]$  atestável no latim falado na península Ibérica  $*['kato] \approx *['gato]$ , mas não exclusivamente dela e comum sobretudo em formas originalmente com  $*[\#ka]$  ou  $*[\#kr]$ , ou até mesmo para formas secundárias: por exemplo, para a forma QVĪRITĀRE, admite-se em S<sup>0</sup> um  $*[kri'tare] > *[gri'tare]$ . A palatalização do  $*[k]$  e  $*[g]$  respectivamente em  $*[c]$  e  $*[j]$  por vezes afetam  $*[k^w]$  e  $*[g^w]$  originais. Os encontros  $*[k\$t]$  e  $*[p\$t]$  também se convertem em  $*[j\$t]$ , mas o último tem variantes regionais como  $*[\beta\$t]$  e  $*[\$t]$  que também vieram à Península Ibérica. A mesma palatalização se vê em  $*[g\$n] > *[j\$n]$  e em  $*[\eta\$gl] > *[\eta\$g\lambda] > *[\eta\$j\lambda]$ ;
- Como se pode ver nas soluções das síncopes acima, associados a esse fenômeno da síncope estão tanto a degeminação parcial das consoantes, das quais sobrevivem somente  $*[n\$n]$ ,  $*[l\$l]$  e  $*[r\$r]$  na Península Ibérica, quanto a sonorização das surdas intervocálicas (que ocorreram como variação diatópica nas regiões que degeminaram antes de muitas síncopes):  
 $*[p\$p] > *[\$p]$ ,  $*[t\$t] > *[\$t]$ ,  $*[k\$k] > *[\$k]$ ,  $*[k\$c] > *[\$c]$  e o mesmo para para as sonoras geminadas  $*[b\$b] > *[\$b]$ ,  $*[d\$d] > *[\$d]$ ,  $*[g\$g] > *[\$g]$  e  $*[g\$j] > *[\$j]$  e para  $*[f\$f] > *[\$f]$ ,  $*[m\$m] > *[\$m]$ .  
 $*[\$p] > *[\$b]$ ,  $*[\$t] > *[\$d]$ ,  $*[\$k] > *[\$g]$ ,  $*[\$c] > *[\$j]$ ,  $*[k^w] > *[\$g^w]$  e o mesmo se deu com fricativas:  $*[\$f] > *[\$v]$  e  $*[\$s] > *[\$z]$ ;
- Posteriormente à palatalização das oclusivas surdas, mas concomitantemente à degeminação e à sonorização das surdas intervocálicas, as sonoras intervocálicas originais sofreram lenização:  
 $*[\$b] > *[\$β]$ ,  $*[\$d] > *[\$ð]$ ,  $*[\$g] > *[\$ɣ]$ ;
- A sonorização e a lenização devem ser previstas para várias outras situações, quando se pensa no latim vulgar falado na Península Ibérica. O que é válido para situação intervocálica ocorre também quando antecede ou sucede uma semivogal:  $*[\$pj] > *[\$bj]$ ,  $*[\$bj] > *[\$βj]$ ,  $*[\$tj] > *[\$dj]$ ,  $*[\$bw] > *[\$βw]$ ,  $*[\$pw] > *[\$bw]$ ,  $*[\$tw] > *[\$dw]$ ,  $*[w\$p] > *[w\$b]$ ,  $*[w\$d] > *[w\$ð]$ , e antes ou após um  $*[r]$ :  $*[\$pr] > *[\$br]$ ,  $*[\$br] > *[\$βr]$ ,  $*[\$tr] > *[\$dr]$ ,  $*[r\$b] > *[r\$β]$ ,  $*[\$cr] > *[\$jr]$ ,  $*[\$gr] > *[\$ɣr]$ ,  $*[\$fr] > *[\$vr]$ .

Assim sendo, encontros como \*[s̥s̥eV] tornaram-se \*[s̥s̥j] antes de \*[s̥s̥j] se degeminar em \*[\$sj] e concomitantemente a antigos \*[\$sj] se tornarem \*[\$zj].

O mesmo podia acontecer, quando na proximidade de um \*[l] ou de um \*[\$j]: \*[\$pl] > \*[\$bl]; \*[\$s] > \*[\$z]; \*[\$k] > \*[\$j].

No mais das vezes, a palatalização das laterais prepondera: \*[\$gl] > \*[\$ʝl]; \*[\$tl] > \*[\$ʝl]; \*[\$cl] > \*[\$ʝl], mas a palatalização das velares também contribuirá para desenvolvimentos subsequentes: \*[\$ks] > \*[\$ʝs];

- As oclusivas sonoras originais permanecem na situação inicial e como resultado da degeminação: \*[\$b] > \*[\$b], \*[\$b] > \*[\$b], por exemplo. O mesmo ocorre com as oclusivas surdas: \*[\$k] > \*[\$k], \*[\$k] > \*[\$k] etc. O surgimento das fricativas intervocálicas, proveniente da lenização das sonoras intervocálicas, com valor fonológico, trata-se, de fato, de uma mudança sistêmica;
- Acomodam-se as nasais às novas realidades fônicas e não são raras as assimilações regressivas. Em vez de \*[\$m̥], encontra-se \*[\$f] provindo de uma degeminação de \*[\$f]. Também há sobrevivência de um \*[\$ŋ]. Encontros como \*[\$k̥] se convertem a \*[\$ŋk] e um \*[\$ŋg] original antes de uma vogal anterior torna-se \*[\$ŋj]. Outras acomodações são \*[\$m̥] > \*[\$n̥], \*[\$m̥d] > \*[\$n̥d], \*[\$mp̥] > \*[\$n̥]. Outras formações surgidas por síncope, como \*[\$ŋkt] e \*[\$m̥pt] se simplificam para \*[\$n̥t];
- Registra-se a apócope consonantal: \*[\$b#], \*[\$k#], \*[\$d#], \*[\$n#], \*[\$t#] não se registram no latim vulgar falado na Península Ibérica, no entanto, \*[\$r] muitas vezes sofre metátese: SEMPER > \*['semper]; QUATTVOR > \*['kwatro];
- O sistema original dos encontros consonantais de *muta cum liquida* se modifica. Em vez de \*[\$gl] encontra-se apenas \*[\$l];
- Além do \*[\$s] apicoalveolar, surge como foi visto, um alofone dorsoalveolar \*[\$s] principalmente a partir do encontro \*[\$ks], que cedo se palataliza para \*[\$ʝs] e se transforma em posição intervocálica quer em \*[\$ʝs], quer em \*[\$ʝz];

Alguns exemplos<sup>6</sup> das modificações ocorridas em S<sup>0</sup>:

<sup>6</sup> Como dito acima, cada sincronia compõe-se de diversas soluções distintas, correspondentes à variação diatópica, diastrática e diafásica do latim. Será, porém apresentada apenas uma ou algumas dessas variantes nas tabelas subsequentes, que refletem a mudança diacrônica desta tabela. Não é possível, por questões de espaço, apresentar neste artigo, exemplos de

1. PRÆDICĀRE > <i>pregar</i> *[prajdi'ka:re] ≈ *[pre'ðigare]	45. PREŤĪVM > <i>preço</i> *['pretium] ≈ *['pɾɛdjɔ]
2. INIMĪCVM > <i>imigo</i> *[ini'mi:kum] ≈ *[inɪ'migɔ]	46. PLĀGAM > <i>chaga</i> *['pla:gam] ≈ *['pɫaɣa]
3. AEQUĀLEM > <i>igual</i> *[aj'kʷa:lem] ≈ *[e'gwale]	47. PLĀGAM > <i>praia</i> *['plagam] ≈ *['pɫaɣa]
4. SAPŌNEM > <i>sabão</i> *[ʃa'po:nem] ≈ *[ʃa'bone]	48. DOLŌREM > <i>dor</i> *[do'lo:rem] ≈ *[do'lore]
5. CALVMNĪAM > <i>coima</i> *[ka'lumniam] ≈ *[ka'lumnja]	49. MASTICĀRE > <i>mascar</i> *[maʃti'ka:re] ≈ *[maʃ'tgare]
6. PLVVIAM > <i>chuva</i> *['pluwiam] ≈ *['pɫɔvja]	50. VĒRITĀTEM > <i>verdade</i> *[we:ri'ta:tem] ≈ *[ver'dade]
7. VERECVNDIAM > <i>vergonha</i> *[were'kundiam] ≈ *[ver'gɔndja]	51. DECĪMVM > <i>dízimo</i> *['dekimum] ≈ *['deɣimɔ]
8. RVSSĒVM > <i>roxo</i> *['russeum] ≈ *['ruʃjɔ]	52. LEGEM > <i>lei</i> *['legem] ≈ *['lɛɣe]
9. AVTVMNVN > <i>outono</i> *[aw'tumnum] ≈ *[aw'tɔmnɔ]	53. SŌLEM > <i>sol</i> *['sɔ:lem] ≈ *['sɔle]
10. FOCVM > <i>fogo</i> *['fɔkum] ≈ *['fɔgɔ]	54. AVDĪRE > <i>ouvir</i> *[aw'di:re] ≈ *[aw'ðire]
11. SEX > <i>seis</i> *['ʃɛks] ≈ *['ʃɛɣs]	55. AVGVŘĪVM > <i>agouro</i> *[aw'guriun] ≈ *[a'ɣɔrjɔ]
12. INTĒGRVM > <i>inteiro</i> *[in'tegrum] ≈ *[in'tɛɣrɔ]	56. FORMŌSAM > <i>formosa</i> *[fɔr'mo:ʃam] ≈ *[for'moʒa]

cada mudança apresentada. Esperamos que tenhamos selecionado os casos mais representativos.

13. SAXVM > seixo *['ʃaksum] ≈ *['ʃajsɔ]	57. HÖDĚ > hoje *['hodie] ≈ *['ɔðje]
14. SAPIAM > saiba *['ʃapiam] ≈ *['ʃabja]	58. CRVDĚLEM > cruel *[kru'de:lem] ≈ *[kru'ðele]
15. PEDEM > pé *['pedem] ≈ *['peðe]	59. TĚLAM > tela *['te:lam] ≈ *['tela]
16. CERESĚIAM > cereja *[ke'reʃjam] ≈ *[ce'rezja]	60. VĚNAM > veia *['we:nam] ≈ *['vena]
17. SVPERBĚIAM > soberba *[ʃu'perbiam] ≈ *[ʃu'berβja]	61. VIDĚO > vejo *['wideo] ≈ *['viðjo]
18. MEDICĚNAM > mezinha *[medi'ki:nam] ≈ *[meði'jina]	62. PRĚMĚRĚVM > primeiro *[pri:'ma:rium] ≈ *[pri'marju]
19. CĚVITĚTEM > cidade *[ki:wi'ta:tem] ≈ *[ciw'dade]	63. LAĚCVM > leigo *['laikum] ≈ *['laigu]
20. IMPLĚRE > encher *[im'ple:re] ≈ *[im'pɛere]	64. BASĚVM > beijo *['baʃjum] ≈ *['bazju]
21. IANVĚRĚVM > janeiro *[janu'a:rium] ≈ *[ja'nwarju]	65. *BASSĚVM > baixo *['baʃjum] ≈ *['baʃju]
22. *TRAXVIT > trouxe *['traksuit] ≈ *['traɣswɪ]	66. QVĚRIT > quer *['kʷajrit] ≈ *['kɛri]
23. SAPVIT > soube *['ʃapuit] ≈ *['ʃabwɪ]	67. ALTĚRVM > outro *['alterum] ≈ *['altru]
24. AQVĚLAM > água *['akʷilam] ≈ *['agɪla]	68. AMĚVIT > amou *[a'ma:wit] ≈ *['a'maw]
25. ĚSTVĚRĚVM > esteiro *[aɣʃtu'a:rium] ≈ *['eʃ'twarju]	69. AMĚVĚ > amei *[a'ma:wi:] ≈ *['a'mai]
26. *COQVĚRE > cozer *[ko'kʷe:re] ≈ *['ko'gere]	70. FASCĚM > feixe *['faʃkem] ≈ *['fasje]

27. COGNĀTVM > cunhado [kɔg'na:tum] ≈ *[kɔj'nadɔ]	71. FERĪAM > feira *['fɛriam] ≈ *['fɛrja]
28. FRVCTVM > fruto *['fɾuktum] ≈ *['fɾɔjtɔ]	72. IVSTĪTĪAM > justeza *[ju:ṣ:titiám] ≈ *[ju:ṣ:tɔdja]
29. SEPTVAGINTA > setenta *[ṣɛptua'ginta] ≈ *[ṣɛtwa'jnta]	73. VITĪVM > vezo *['witium] ≈ *['vidjɔ]
30. PLACĪTVM > prazo *['plakitum] ≈ *['plajdɔ]	74. CORĪVM > couro *['korium] ≈ *['kɔrjɔ]
31. VETVLVM > velho *['wetulum] ≈ *['vedlɔ]	75. PALVMBAM > pomba *[pa'lumbam] ≈ *[pa'lumba]
32. CAVSAM > coisa *['kawsam] ≈ *['kawzɔ]	76. PRETĪARE > prezar *[preti'a:re] ≈ *[pre'djare]
33. TVRBĪDVM > turvo *['turbidum] ≈ *['tɔrβidɔ]	77. AEQVĀLEM > igual *[aj'kʷa:lem] ≈ *[e'gwale]
34. BESTĪAM > besta ~ bicha *['bestiam] ≈ *['bestja]	78. ECCLESĪAM > igreja *[ek'kleſjam] ≈ *[e'klezja]
35. PISCEM > peixe *['piſkɛm] ≈ *['piſje]	79. DĒLICĀTVM > delgado *[de:li'ka:tum] ≈ *[deɫ'gadɔ]
36. VIRĠINEM > virgem: *['wirginem] ≈ *['virjine]	80. FĒCIT > fez *['fɛ:kit] ≈ *['fɛɹ]
37. FLAGRĀRE > cheirar *[fla'gra:re] ≈ *[fla'ɣrare]	81. FĒCĪ > fiz *['fɛ:ki:] ≈ *['feji]
38. VNGVLAM > unha *['uŋgulam] ≈ *['uŋjla]	82. MENSEM > mês *['mensɛm] ≈ *['mezɛ]
39. NOCTEM > noite *['noktem] ≈ *['nɔjte]	83. PATREM > pai *['patrem] ≈ *['padre]
40. CABALLVM > cavalo *[ka'ballum] ≈ *[ka'ballɔ]	84. BRACCHĪVM > braço *['brakkʰium] ≈ *['bracjɔ]

41. GALLĪNAM > galinha *[gal'li:nam] ≈ *[gal'lina]	85. HABĒAT > haja *['habeat] ≈ *['aβja]
42. LANAM > lã *['lanam] ≈ *['lana]	86. BONAM > boa *['bonam] ≈ *['bɔna]
43. AVRĪFICEM > ourives *[aw'ri:φikem] ≈ *[aw'rivje]	87. *VENĪBAM > vinha *[we'ni:bam] ≈ *[ve'niβa]
44. SANATĪVVM > sadio *[ʃana'ti:wum] ≈ *[ʃana'divɔ]	88. SAGITTAM > seta *[ʃa'gittam] ≈ *[ʃa'ɟta]

#### 4 O IBERORROMÂNICO

A história nos mostra que o latim passou a ser uma presença linguística na Península Ibérica desde o século III a.C. (conquista de Ἐμπόριον em 218 a.C., latinizada como *Emporiæ*, atual *Empúries*). A Hispania passou a ser completamente dominada pelos romanos apenas a partir do século I a.C. (costuma-se marcar o apogeu da conquista romana no *Bellum Cantabricum*, 29-19 a.C.). A língua falada nessa região tinha, inicialmente, características arcaicas ou associadas à *koiné* das conquistas romanas anteriores, na Península Itálica. Dessa forma, as variantes vinculadas a S<sup>-1</sup> somaram-se às inovações de S<sup>0</sup> que terão, como visto acima, características de *koiné* e foram decisivas na formação da S<sup>1</sup>, conhecida como iberorromânico.

Afirmar que houve transição da variação simples de S<sup>0</sup> para S<sup>1</sup> não é verossímil, mas é possível afirmar que em meio à variação de S<sup>1</sup> temos elementos herdados de S<sup>0</sup> e de S<sup>-1</sup>. Assim sendo, não é correto afirmar que S<sup>0</sup> > S<sup>1</sup>, mas, na verdade, sistemas do “latim vulgar” regional (ou do “protorromânico”), sistemas do “latim clássico” e um iberorromânico embrionário foram contemporâneos em S<sup>1</sup>.

Dito de outra forma, as sincronias S<sup>0</sup> e S<sup>1</sup> ocupam a mesma época e são paralelas sem que possamos falar algo sobre a facilidade ou dificuldade de compreensão entre as “línguas” ou “dialetos” envolvidos. Em vez de S<sup>0</sup> > S<sup>1</sup> diremos que S<sup>0</sup> ≈ S<sup>1</sup>.

Vogais:		Consoantes:
*[a]		*[b]
*[e]		*[β]
*[ɛ]		*[c]      *[cs]
*[i]		*[d]      *[dz]
*[ɪ]		*[ð]
*[o]		*[f]
*[ɔ]		*[g]
*[u]		*[ɣ]
*[ʊ]		*[ʝ]      *[ʝz]
		*[k]
Semivogais:		*[ɬ]
*[j]		*[l]      *[ll]
*[w]		*[ʌ]
		*[m]
Ditongos:		*[n]      *[nn]
*[aj]	*[aw]	*[ɲ]
*[ɛj]		*[p]
	*[iw]	*[r]      *[r]
*[ɔj]	*[ɔw]	*[s]
*[ɔj]		*[t]      *[ts]
		*[v]
		*[z]

Avaliar o valor mais fonológico dos elementos acima, no entanto, como já afirmamos, não é fácil e esse salto seria temerário neste momento, pois uma reconstrução fonológica só é possível de ser feita após a reconstrução de paradigmas lexicais na sincronia pretérita estudada. O elemento fonológico que promovesse a criação de pares mínimos, por exemplo, \*/s/ : \*/z/, é ainda fruto de

investigação, assim como é difícil afirmar se em S<sup>1</sup> havia oposição entre \*/b/, \*/β/ e \*/v/, entre /g/, /ɣ/ e /j/, entre \*/d/ e \*/ð/ etc.

O som \*[c] intervocálico já havia se tornado \*[j] nas pronúncias sonorizantes de S<sup>0</sup> e esses sons cedo se convertem respectivamente em \*[ts] e \*[dz] no iberorromânico.

Além disso, ressalta-se o caráter herdado das pronúncias \*[s̺] e \*[z̺], apicodentais (provavelmente não fonológicas), que ainda existem no espanhol setentrional, no galego e nos dialetos portugueses com o chamado “s beirão” (e que não tiveram nenhuma consequência nas variantes americanas do espanhol nem no português brasileiro). A pronúncia apicodental latina (herdada provavelmente do indo-europeu) permitiu, como ocorre algumas vezes no germânico, a transformação s > r (o chamado “rotacismo do s”) na passagem de S<sup>1</sup> para S<sup>0</sup>. Em outros sistemas simultâneos, como no latim vulgar e no galorromânico, aparentemente houve predominância das pronúncias dorsoalveolares \*[s] e \*[z], que também deve ser a causa das realizações meridionais tanto do espanhol quanto do português modernos.

Característicos do iberorromânico, que aos poucos se tornou uma variante diatópica do “latim vulgar”, eram:

- A confluência do \*[b] e do \*[w] em \*[β] em encontros como \*[lβ] > \*[lβ], \*[lβ] > \*[lβ], \*[lβ] > \*[lβ]. O som \*[β] original cai na posição intervocálica nas terminações verbais do pretérito imperfeito \*[eβa#] > \*[e#a#] e \*[iβa#] > \*[i#a#], mas não em \*[aβa#], como em outros falares românicos;

Encontros com \*[w] frequentemente se simplificavam: \*[\$dw] > \*[\$d], \*[\$βrw] > \*[\$βr]; \*[tw] > \*[t];

A manutenção do \*[w] por vezes criava geminações ou velarizações: \*[\$nw] > \*[n#n]; \*[\$nwa] > \*[n#gwa] ≈ \*[n#na];

Já o \*[v] se mantém, embora haja bastante oscilação em encontros como \*[i#vi], \*[i#vi], \*[i#vi] e \*[i#vi] que tendem à manutenção da consoante, à ditongação em \*[iw] ou à síncope em \*[i#i]. Também \*[V#ve] tende a sincopar-se em \*[V#e] e o sufixo \*[i#vo#] > [i#vo#] ≈ [i#o#];

- Novas sonorizações continuavam a acontecer: \*[\$cj] > \*[\$cj] ≈ \*[\$dj]; concomitantemente, ao contrário, sílabas com coda promoviam ensurdecimentos: \*[r#ge] > \*[r#ce]; \*[s#dj] > \*[s#cj]; \*[n#dj] > \*[n#tsj]; \*[ð] > \*[tj] ≈ \*[j];

- Como em outras áreas da România, surgem africadas \*[ʃc] > \*[ʃts]; \*[dʒ] > \*[dʒzj];
- Alçamentos, frutos de variação diatópica ocorrem em diversas sequências fônicas: \*[irʃj] > \*[irʃj] ≈ \*[irʃj]; \*[inʃt] > \*[inʃt] ≈ \*[inʃt], \*[imʃp] > \*[imʃp] ≈ \*[imʃp]; \*[inʃf] > \*[inʃf] ≈ \*[inʃf]; \*[iʃy] > \*[iʃy] ≈ \*[iʃy]; \*[iʃbʌ] > \*[iʃbʌ] ≈ \*[iʃbʌ];

O ensurdecimento concomitante com um alçamento vocálico também pode ser visto, como variação diatópica, no sufixo \*[iʃdja] > \*[iʃdja] ≈ \*[iʃtja];

- Novas palatalizações são reconstruíveis: \*[ge]ʷ > \*[je], \*[kj] > \*[cj], \*[aʃjɪ] > \*[aʃjɪ], \*[cʌ] > \*[tʃj]; \*[\$bl] > \*[\$bl] ≈ \*[\$bʌ]; \*[\$yɾ] > \*[jʃɾ] ≈ \*[\$gɾ];
- Novas ditongações e ressilabificações ocorreram: [deʃV], [diʃV] se convertem em [djV]; \*[aʃi] > \*[aj] ≈ \*[aʃe]; \*[aʃo] > \*[aw];

Simultaneamente, o ditongo \*[aw] sobrevivente tendia a transformar-se em \*[ɔw];

Hiatos são mantidos com alçamento em \*[eʃa] > \*[iʃa];

- Simplificações: \*[ʃʃtʌ] e \*[ʃʃjʌ] se convergem para \*[ʃʃtj]; \*[jʃsw] > \*[\$sw] ≈ \*[\$sw]; \*[jʃzw] > \*[\$jw] > \*[\$gw] ≈ \*[\$vw] ≈ \*[\$zj]; \*[\$jʌ] > \*[\$ʌ], \*[jʃjʌ] > \*[\$jʌ]; \*[bʃt] > \*[\$t], \*[dʃk] > \*[\$k], \*[dʃm] > \*[\$m]; \*[rʃð] > \*[\$r]; \*[nʃdg] > \*[\$g]; \*[dʃg] > \*[\$g]; \*[\$lʃj] > \*[\$lj], \*[\$nʃj] > \*[\$nj], \*[\$mʃnj] > \*[\$nj] ≈ \*[\$mj]; \*[\$jʃn] > \*[\$jn] ≈ \*[\$jn]; \*[\$mʃt] > \*[\$nt]; \*[\$mʃpt] > \*[\$nt]; \*[\$mʃ] > \*[\$m]; \*[\$tʃg] > \*[\$k].

Por vezes, essa simplificação passa por uma assimilação. Assim sendo, tanto \*[bʃv] quanto \*[dʃv] teriam passado por uma etapa \*[vʃv] que só teria sido degeminada em \*[\$v] no final da sincronia. O mesmo teria acontecido com \*[\$r] > \*[\$rʃ] ≈ \*[\$jʃr]. O encontro \*[\$dl] modifica para \*[\$dr] ou para \*[\$l]. O encontro \*[nʃdj] oscilava entre o ensurdecimento \*[nʃtj] ou a assimilação \*[nʃnj]. Também o encontro \*[\$mʃn] oscilava entre a sua manutenção ou sua assimilação como \*[\$nʃn]. Diversas transformações também ocorreram para a facilitação da pronúncia: \*[\$gd] > \*[\$d], \*[\$gm] > \*[\$wm] ≈ \*[\$jm]; \*[\$jt] > \*[\$wt] ≈ \*[\$jt] ≈ \*[\$t]; \*[\$βt] > \*[\$wt], \*[\$jz] > \*[\$jz];

- É comum também verificar a transformação do \*[j] em \*[dz] em conflito com a assimilação como resultado de variação diatópica: \*[jʃj] > \*[nʃdz] ≈ \*[\$jn].

<sup>7</sup> Proveniente de um antigo \*[gʷe].

A solução \*[C\$dz] entra em conflito com [r\$ʝ] antes de vogal anterior, que se converte em \*[r\$dj]. Também ocorre a vocalização em \*[\$sj] > \*[\$sj] e em \*[j\$ʝ] > \*[j\$ʝ].

Por fim, a síncope do \*[j] intervocálico é bastante comum, sobretudo diante de vogal anterior;

- Síncopes de pretônicas ainda se veem nas sequências \*[o\$re], \*[e\$re], \*[e\$ra];
- Progressiva palatalização em \*[pλ], \* [fλ], \*[kλ], que convergem para \*[tλ];

Há variantes, contudo, em que um rotacismo ocorre para encontros consonantais com \*[l] não palatalizado, provavelmente resultado de variação diatópica ou diastrática: \*[pl] > \*[pr], \*[fl] > \*[fr], \*[kl] > \*[gr];

- Aos poucos, estabelece-se a diferença fonológica entre \*/r/ e \*/r/, a primeira forma como resultado da pronúncia do antigo \*[#r] e de \*[r\$ʝ] e o segundo, dos demais casos.

Para os mesmos exemplos acima, postulam-se as seguintes especificidades de S<sup>1</sup> em relação a S<sup>0</sup> (a maioria dos exemplos, como podemos ver, não têm qualquer mudança):

1. *[preði'gare] ≈ *[preði'gare]	45. *['preðjo] ≈ *['preʝjo]
2. *[inɪ'migo]	46. *['pɫaɣa] ≈ *['tɫaɣa]
3. *[e'gwale]	47. *['playa] ≈ *['praya]
4. *[ʃa'bone]	48. *[do'lore] ≈ *[do'lore]
5. *[ka'lomnja] ≈ *[ka'lomja]	49. *[maʃ'tgare] ≈ *[maʃ'kare]
6. *['pɫovja] ≈ *['tɫovja]	50. *[ver'dade] ≈ *[ver'dade]
7. *[ver'gondja] ≈ *[ver'gonnja]	51. *['deɣmo] ≈ *['deɣmo]
8. *['roʃjo]	52. *['leje] ≈ *['læe]
9. *[aw'tomno] ≈ *[ɔw'tonno]	53. *['ʃole]
10. *['fɔgo]	54. *[aw'ðire] ≈ *[ɔw'ðire]
11. *['ʃɛjs] ≈ *['ʃɛjs]	55. *[a'ɣorjo] ≈ *[a'ɣorjo]
12. *[in'teɣro] ≈ *[in'teɣro]	56. *[for'moʒa] ≈ *[for'moʒa]
13. *['ʃajsu] ≈ *['ʃajsu]	57. *['ɔðje] ≈ *['ɔje]

14. *['ʃabja]	58. *['kro'ðele]
15. *['peðe]	59. *['tela]
16. *['ce'rezja] ≈ *['tse'rezja]	60. *['vena]
17. *['ʃu'berβja] ≈ *['ʃu'berβja]	61. *['viðjo] ≈ *['viŋo]
18. *['meði'jina]	62. *['pri'marjɔ] ≈ *['pri'marjɔ]
19. *['ciw'dade] ≈ *['tsiw'dade]	63. *['laɪgɔ] ≈ *['lajgɔ]
20. *['im'plere] ≈ *['m'tlere]	64. *['bazjɔ]
21. *['ja'nwarjɔ] ≈ *['jan'narjɔ]	65. *['baʃjɔ]
22. *['traɪswɪ] ≈ *['traswɪ]	66. *['kɛrɪ] ≈ *['kɛrɪ]
23. *['ʃabwɪ]	67. *['altro] ≈ *['altro]
24. *['agila]	68. *['a'maw] ≈ *['a'məw]
25. *['eʃ'twarjɔ] ≈ *['eʃ'tarjɔ]	69. *['a'mai] ≈ *['a'maj]
26. *['ko'gere] ≈ *['ko'jere]	70. *['fasje] ≈ *['fasje]
27. *['koj'jadɔ] ≈ *['ko'jadɔ]	71. *['ferja] ≈ *['ferja]
28. *['frojto] ≈ *['frojto]	72. *['juʃ'tidja] ≈ *['juʃ'tidzja]
29. *['ʃɛtwa'jɪnta] ≈ *['ʃɛ'tajnta]	73. *['vidjɔ] ≈ *['vidzjɔ]
30. *['praɪdɔ] ≈ *['praɪdɔ]	74. *['kɔrjɔ] ≈ *['kɔrjɔ]
31. *['vedʎɔ]	75. *['pa'lomba]
32. *['kawzɔ] ≈ *['kəwzɔ]	76. *['pre'djare] ≈ *['pre'dzjare]
33. *['tuɾβiðɔ] ≈ *['tuɾβiðɔ]	77. *['e'gwale]
34. *['beʃtja]	78. *['e'klezja] ≈ *['e'gɾezja]
35. *['pɪsje] ≈ *['pɪsje]	79. *['deɫ'gadɔ]
36. *['virjɪne] ≈ *['virdzjɪne]	80. *['feɪɪ]
37. *['fla'ɣrare] ≈ *['tla'jrare]	81. *['feɪɪ]
38. *['oŋjɪla] ≈ *['oŋjɪla]	82. *['mezɛ]
39. *['nɔjte] ≈ *['nɔjte]	83. *['padre] ≈ *['padre]
40. *['ka'ballo]	84. *['bracjɔ] ≈ *['bratjɔ]
41. *['gal'lina]	85. *['aβja]

42. *['lana]	86. *['bɔna]
43. *[aw'rivɲe] ≈ *[ɔw'rivɲe]	87. *[ve'nia]
44. *[ʃana'divɔ] ≈ *[ʃana'div]	88. *[ʃa'ɲita]

## 5 O IBERORROMÂNICO DO NOROESTE PENINSULAR (SÉCULOS VI-IX)

Diferentemente da relação sincrônica entre  $S^0 \approx S^1$ , podemos falar de diacronia entre  $S^1 > S^2$ . Na sincronia  $S^2$ , as diferenças diatópicas do iberorromânico eram várias: no Noroeste Peninsular, mantinham-se o \*[nn] e o \*[ll], diferentemente das outras regiões da Península Ibérica, em que foi convertido respectivamente em \*[ʎ] e \*[ɲ]. Também há indícios de diferenciação entre \*[i] e \*[ɪ] na posição átona postônica. A variante do Noroeste Peninsular formará os futuros grupos asturo-leonês (o antigo leonês e os atuais asturiano e outros falares cantábricos, além de quase como substrato nos falares estremenhos, mirandês, sendinês, riodonorês, quadramilês) e o galego-português (que inclui a fala de Xálima), que se opõem, por diversas características fonéticas, tanto ao iberorromânico centro-oriental (que se compõe do castelhano e do navarro-aragonês) quanto ao iberorromânico meridional (de onde teriam vindo os romances “moçárabes”).

Pode-se imaginar que se tenham acirrado as distinções e preferências de variantes diatópicas no Noroeste Peninsular durante o reino suevo (409-585), prosseguindo até o final do reino visigodo (418-712). Posteriormente, essa mesma região comporia o reino das Astúrias (740 até 910). São os sons reconstruíveis dessa etapa:

Vogais:	Consoantes:
*[a]	*[b]
*[e]	*[β]
*[ɛ]	*[d]            *[dz]            *[dʒ]
*[i]	*[f]
*[o]	*[g]

*[ɔ]		*[k]	
*[u]		*[l]	
		*[ʎ]	
Semivogais:		*[m]	
*[j]		*[n]	
*[w]		*[ɲ]	
		*[p]	
Ditongos:		*[r]	*[r]
*[aj]	*[aw]	*[s]	
*[ej]	*[ew]	*[ʃ]	
*[ɛj]	*[ɛw]	*[t]	*[ts]      *[tʃ]
*[ij]	*[iw]	*[v]	
*[oj]	*[ow]	*[z]	
*[ɔj]	*[ɔw]	*[ʒ]	
*[uj]	*[uw]		

No iberorromânico do Noroeste peninsular, verificam-se diversas características especiais:

- Os \*[bʎ] remanescentes convertem-se em \*[βl] > \*[vl] ≈ \*[ʎ]; o \*[tʎ] sofre diversas soluções dependendo da sua posição na palavra. No início, \*[#tʎ] > \*[#ʎ] ≈ \*[#tʃ], variação diatópica que hoje ainda se vê quando se compara o português chão/ chave/ chama, o galego chan/ chave/ chama e o asturiano *llanu/ llave/ llama*<sup>8</sup>; \*[nʂtʎ] > \*[nʂtʃ] e em outras situações converte-se em \*[ʎ], como ocorre com \*[dʎ]; já o \*[#jʎ] converte-se em \*[#gl]. As formas não palatalizadas têm outro destino: \*[bl] > \*[br] ≈ \*[lʃl]; \*[dl] > \*[dr], \*[gl] > \*[gr];
- Vocalizações em \*[jʂr] > \*[jʂr]; o \*[ʃ] se torna \*[w] ou \*[j] exceto em \*[aʃ] ou \*[oʃ]; o encontro \*[uʃ] torna-se, às vezes, \*[uj], às vezes \*[oj]; \*[jʂm] > \*[jʂm]; \*[jʂ#] > \*[jʂ#]. Por vezes, essas formas vocalizadas são sincopadas,

<sup>8</sup> Nos dialetos asturianos, no lugar do \*[ʎ] vê-se, contudo, o antigo \*[tʃ] em pronúncias como [ts] ≈ [tʃ].

como em \*[j\$ɲ] > \*[\$ɲ] e \*[j\$ʌ] > \*[\$ʌ]. Também há vocalizações em \*[#aβ\$z] > \*[#aw\$z]; \*[#aβ\$s] > \*[#aw\$s];

- Consonantizações podem ocorrer no contexto \*[j] > \*[\$] ≈ \*[\$ɜ]. Por vezes, \*[w\$g] > \*[\$g], supostamente por hipercorreção;
- Diante de nasal, há o alçamento vocálico em \*[ɪŋ\$gw] > \*[iŋgw] ≈ \*[\$ŋgw] e em \*[ɪn\$d] > \*[in\$d] ≈ \*[\$n\$d]; \*[ɪŋ\$g] > \*[iŋ\$g]; \*[ɪŋ\$k] > \*[iŋ\$k]; \*[#oN] > \*[#uN]; \*[#ɪŋ] > \*[\$ŋ] ≈ \*[\$iŋ]; \*[\$n] > \*[\$iŋ], \*[\$m] > \*[\$iŋ], \*[\$ɲ] > \*[\$iŋ] ≈ \*[\$iŋ]; \*[\$ŋk] > \*[\$iŋk]; \*[\$ŋ\$g] > \*[\$iŋ\$g].
- A presença de velares promove a mesma titubeação: \*[\$g] > \*[\$g] ≈ \*[\$g]; \*[\$y] > \*[\$g] ≈ \*[\$g]; \*[\$yu] > \*[\$gu] ≈ \*[\$go].

Por vezes, a sensibilidade ao som velar se mostra nas consoantes: \*[#u\$] > \*[#ul\$] ≈ \*[#ur\$]; \*[\$g] > \*[\$w\$g]; \*[\$s] > \*[\$w\$s]; \*[\$ts] > \*[\$w\$ts]

- Alçam-se os ditongos provenientes de hiatos, como \*[\$w] > \*[\$i] ≈ \*[\$i]. Esse alçamento ocorre em metafonias, quando a uma vogal semiaberta ou semifechada segue-se uma vogal fechada, \*[\$] > \*[\$] ≈ \*[\$], \*[\$] > \*[\$] ≈ \*[\$], \*[\$] > \*[\$] ≈ \*[\$].

O \*[\$] > \*[\$] e \*[\$] > \*[\$] apenas quando seguido de \*[\$], mas não de \*[\$]. Ocorre também o alçamento no hiato \*[\$u] > \*[\$i]. O mesmo também ocorre diante de palatais: há alçamento de \*[\$ʌ] > \*[\$ʌ] ≈ \*[\$ʌ]. Também diante de palatal, \*[\$] > \*[\$] ≈ \*[\$]. Outros alçamentos são flagrados em \*[\$] > \*[\$] ≈ \*[\$] e no hiato \*[\$a] > \*[\$a]. No entanto, \*[\$#] > \*[\$#] de forma consistente nas terminações verbais;

- Síncope da semivogal em \*[\$j] > \*[\$e] e em \*[\$tsj] > \*[\$ts]; \*[\$wa] > \*[\$a]; \*[\$wo] > \*[\$o];
- Há vários exemplos de monotongações. Cedo, \*[\$j] > \*[\$i] e \*[\$w] > \*[\$u]. Além disso, \*[\$e] > \*[\$e]; \*[\$ej\$z] > \*[\$e\$z] ≈ \*[\$i\$z] e em posição átona, como \*[\$wo] > \*[\$go] e em \*[\$we] > \*[\$ge], \*[\$wɪ] > \*[\$ge] e \*[\$wi] > \*[\$gi]. Outros casos: \*[\$wd] > \*[\$od]; \*[\$wb] > \*[\$ob]; \*[\$ws] > \*[\$os].

Há monotongações e alçamentos em: \*[\$dz] > \*[\$dz]; \*[\$jdz] > \*[\$idz]; \*[\$jdz] > \*[\$idz]; \*[\$ejdz] > \*[\$edz]; \*[\$ejdz] > \*[\$idz]; \*[\$ajdz] > \*[\$adz]; \*[\$ajdz] > \*[\$edz];

- Inversamente, ditongações em: \*[\$V] > \*[\$j]; \*[\$u] > \*[\$w], \*[\$o] > \*[\$w]; \*[\$e] > \*[\$j]. Alguns casos formam várias soluções: \*[\$e] > \*[\$e] ≈ \*[\$e] ≈ \*[\$e];
- Simplificações se veem em: \*[\$tsj] > \*[\$sj]; \*[\$dre#] > \*[\$de#]; \*[\$es\$ts] > \*[\$ts]; \*[\$m\$ɲ] > \*[\$m]; \*[\$n\$ɲ] > \*[\$n];

- Formam-se novas africadas: \*[\$sje] > \*[\$tse] ≈ \*[\$tse], \*[\$sjɪ#] > \*[\$stɪ#] ≈ \*[\$tɪ#]. \*[\$dʒ] > \*[\$dz]. Inversamente \*[\$asjtse] > \*[\$asje]; \*[\$jɪ#] > \*[\$dzi#]; \*[\$jɪ] > \*[\$dzi]; \*[\$ɛrtj] > \*[\$rts]; \*[\$ɔrtj] > \*[\$rts]; \*[\$tj] > \*[\$ts];
- Metáteses e palatalizações se encontram nos seguintes contextos: \*[\$j\$sw] > \*[\$w\$sj] ≈ \*[\$w\$ʃj]; \*[\$n\$tsj] > \*[\$n\$tʃj], \*[\$s\$tsj] > \*[\$tʃj], \*[\$r\$tsj] > \*[\$tʃj]; \*[\$r\$dʒj] > \*[\$r\$dʒ]; [V\$dʒj] > [Vj\$dʒj]; \*[\$sj] > \*[\$j]; \*[\$zj] > \*[\$jʒ]; \*[\$ij\$] > \*[\$i\$] ≈ \*[\$i\$]; \*[\$nj] > \*[\$n]; \*[\$lj] > \*[\$l]; \*[\$n\$dʒ] > \*[\$n\$dʒ] \*[\$j\$z] > \*[\$jʒ]; \*[\$j] > \*[\$dʒ]; \*[\$#j] > \*[\$#dʒ]; \*[\$#dj] > \*[\$#dʒ]; \*[\$s\$jtj] > \*[\$s\$jtj] ≈ \*[\$s\$jtj]; \*[\$rj] > \*[\$rʃj]; \*[\$dj] > \*[\$dʒ]; \*[\$sj] > \*[\$ʃj]; [j\$] > \*[\$ʃj]; \*[\$j] > \*[\$dʒ]; \*[\$d\$dʒ] > \*[\$dʒ]; \*[\$zj] > \*[\$ʒj].

Soluções duplas se encontram em \*[\$je] > \*[\$dze] ≈ \*[\$dʒe], \*[\$jɪ] > \*[\$dze] ≈ \*[\$dʒe]; \*[\$jɪ] > \*[\$dʒi] ≈ \*[\$dʒi], \*[\$jɪ] > \*[\$dʒe]; \*[\$VjV] > \*[\$VdjV] ≈ \*[\$VdʒV]. O mesmo ocorreu em \*[\$jd] > \*[\$jʃd] > \*[\$dj] > \*[\$dz] e com \*[\$βja] > \*[\$βja] ≈ \*[\$dʒa].

Metáteses do \*[\$w] são frequentes nesta sincronia: \*[\$bw] > \*[\$wb]; \*[\$βw] > \*[\$wβ]; \*[\$dw] > \*[\$wd]; \*[\$s\$w] > \*[\$w\$ʃ], \*[\$z\$w] > \*[\$w\$z]; \*[\$sw] > \*[\$w\$ʃ]; \*[\$vw] > \*[\$w\$ʃ]; \*[\$gw] > \*[\$gw] ≈ \*[\$w\$g];

- No final do período, todo \*[\$u] e \*[\$ɪ] remanescentes se havia tornado, respectivamente, \*[\$o] e \*[\$e]. Todo \*[\$c] também se convertia em \*[\$ts];
- Epênteses ocorrem em \*[\$m\$] e \*[\$m\$ɾ], que se convertem em \*[\$m\$ɾ];
- Apócopies e simplificações ocorrem com \*[\$s\$e#] > \*[\$s\$e#] ≈ \*[\$s#]; \*[\$z\$e#] > \*[\$z\$e#] ≈ \*[\$z#]; \*[\$tse#] > \*[\$se#] ≈ \*[\$s#]; \*[\$dze#] > \*[\$ze#] ≈ \*[\$z#]; \*[\$ne#] > \*[\$n#]; \*[\$βe#] > \*[\$βe#] ≈ \*[\$w#]; \*[\$e\$le#] > \*[\$el#]; \*[\$o\$le#] > \*[\$ol#]; \*[\$l\$le#] > \*[\$le#] ≈ \*[\$l#]; \*[\$re#] > \*[\$r#];
- Atestam-se casos de assimilação \*[\$a\$er#] > \*[\$a\$ɾ#] e de dissimilação \*[\$n\$m] > \*[\$ɲm]; novamente ocorre a assimilação parcial \*[\$aw] > \*[\$ɔw]. Por hipercorreção, às vezes \*[\$ɔw\$] > \*[\$ɔw\$] ≈ \*[\$ɔw\$] > \*[\$aw\$];
- O som \*[\$ð] desaparece, assim como \*[\$ʃ], que pode se modificar também, como em \*[\$e\$ʃa] > \*[\$e\$ga] ≈ \*[\$e\$a] e \*[\$a\$ʃa] > \*[\$a\$ga] ≈ \*[\$a\$a].

Os mesmos exemplos da sincronia anterior durante a passagem de S<sup>1</sup> >

S<sup>2</sup>:

1. *[\$preði'gare] > *[\$pree'gar]	45. *[\$'preɲtʃu] > *[\$'preto]
2. *[\$ini'migu] > *[\$ini'migo]	46. *[\$'tɫaya] > *[\$'tʃaga]
3. *[\$e'gwale] > *[\$e'gwal]	47. *[\$'praya] > *[\$'praja]

4. *['ʃa'bone] > *['ʃa'bon]	48. *['do'lore] > *['do'lor]
5. *['ka'lomja] > *['ka'lomja]	49. *['maʃ'kare] > *['maʃ'kar]
6. *['tʎovja] > *['tʎovja]	50. *['ver'dade] > *['ver'dade]
7. *['ver'gõnnja] > *['ver'gõna]	51. *['deʒimo] > *['dedzimo]
8. *['roʃjo] > *['rojfo]	52. *['læe] > *['læj]
9. *['õw'tõnnõ] > *['õw'tõnnõ]	53. *['ʃõle] > *['ʃõl]
10. *['fõgõ] > *['fõgõ]	54. *['õw'ðire] > *['õw'ir]
11. *['ʃeʒs] > *['ʃeʒs]	55. *['a'ʒõrjo] > *['a'gojro]
12. *['in'tejro] > *['in'tejro]	56. *['for'mõzõ] > *['for'mõzõ]
13. *['ʃajsõ] > *['ʃeʒõ]	57. *['õje] > *['õdʒe]
14. *['ʃabja] > *['ʃabja]	58. *['kro'ðele] > *['kro'el]
15. *['peðe] > *['pee]	59. *['tela] > *['tela]
16. *['ce'rezja] > *['tse'rezja]	60. *['vena] > *['vena]
17. *['ʃõ'berβja] > *['ʃõ'berβja]	61. *['võjo] > *['vedzõ]
18. *['meði'jina] > *['mee'dzina]	62. *['pri'marjo] > *['pri'mejro]
19. *['ciw'dade] > *['tsij'dade]	63. *['lajõ] > *['lejõ]
20. *['in'tlere] > *['en'tfer]	64. *['bazjo] > *['bejzõ]
21. *['jan'narjo] > *['dʒan'nejro]	65. *['baʃjo] > *['baʒjo]
22. *['traswõ] > *['trawse]	66. *['kerõ] > *['ker]
23. *['ʃõbwõ] > *['ʃõwbe]	67. *['õtro] > *['õwtro]
24. *['agõla] > *['agela]	68. *['a'mõw] > *['a'mõw]
25. *['eʃ'tarjo] > *['eʃ'tejro]	69. *['a'maj] > *['a'mej]
26. *['ko'jere] > *['ko'dzer]	70. *['fasje] > *['fajfe]
27. *['ko'nado] > *['ko'nado]	71. *['ferja] > *['fejra]
28. *['frõjto] > *['frujto]	72. *['ʒus'tõdzja] > *['dʒus'tedza]
29. *['ʃe'tajnta] > *['ʃe'tejnta]	73. *['vidzjo] > *['vedzõ]
30. *['praõdo] > *['pradzo]	74. *['kõrjo] > *['kojro]
31. *['vedõlo] > *['veõlo]	75. *['pa'lõmba] > *['pa'lõmba]

32. *['kɔwz̥a] > *['kɔwz̥a]	76. *[pre'djare] > *[pre'dzar]
33. *['turβiðo] > *['turβeo]	77. *[e'gwale] > *[e'gwal]
34. *['beʃtja] > *['beʃtja]	78. *[e'grɛzja] > *[e'grɛjza]
35. *['pɪsje] > *['pestse]	79. *[del'gadɔ] > *[del'gado]
36. *['virdzjme] > *['virdʒen]	80. *['feʝi] > *['feze]
37. *['tʎa'jɾare] > *['tʎa'jɾar]	81. *['feʝi] > *['fidzi]
38. *['uŋɫa] > *['uŋɫa]	82. *['meʒɛ] > *['mezɫ]
39. *['nɔjte] > *['nɔjte]	83. *['padre] > *['pae]
40. *['ka'βallɔ] > *['ka'βallo]	84. *['bratʝɔ] > *['bratso]
41. *['gal'lina] > *['gal'lina]	85. *['aβja] > *['adʒa]
42. *['lana] > *['lana]	86. *['bɔna] > *['bɔna]
43. *['ɔw'rivije] > *['ɔw'riveze]	87. *['ve'nia] > *['vi'nia]
44. *['ʃana'dio] > *['ʃana'dio]	88. *['ʃa'jɪta] > *['ʃa'eta]

## 6 O GALEGO-PORTUGUÊS (SÉCULOS X-XIII)

Essa fase, de denominação tão discutida, também poderia chamar-se de “galego antigo” ou de “protoportuguês”.

Historicamente, há um período de distinção linguística entre os falares orientais e ocidentais do reino das Astúrias coincidentemente aos eventos políticos subsequentes à abdicação de Afonso III (910) e do reinado independente de Ordoño II (910-914). Na sincronia S<sup>3</sup>, inclui-se a independência de Portugal após a batalha de Ourique (1139) e de seu reconhecimento como país independente (1143).

As distinções que se apresentaram são visíveis ainda hoje nos seguintes aspectos:

- A palatalização do [#l] e [#n] só ocorre na porção oriental: português “levar”, galego “levar”, asturiano “llevar”;
- A metátese do \*[tj] não ocorre na porção ocidental: português “feito”; galego “feito”, asturiano “feito ≈ fechu”;

- A ditongação oriental de  $*[\varepsilon] > *[\text{je}]$  e de  $*[\text{ɔ}] > *[\text{we}]$  não atingirá a zona do galego-português: português “noite”, galego “noite”, asturiano “nueche”;
- Os fonemas  $*/v/$  e  $*/b/$  nas variantes ocidentais cedo se mesclaram nas variantes orientais. Hoje, contudo, tomou toda franja setentrional da Península (inclusive dialetos setentrionais do português e o castelhano), por exemplo: o português moderno “livro” corresponde ao galego “libro” e ao asturiano “llibru”;
- Conflui  $*[\text{ɔ}]$  com  $*[\text{o}]$  e  $*[\text{i}]$  com  $*[\text{e}]$  ocorre na porção ocidental, mas preserva-se inicialmente a distinção nas variantes orientais, cf. português “tarde”, galego “tarde”, asturiano oriental  $[\text{'tardi}]$ ;
- Monotongam-se os ditongos  $*[\text{ej}] > *[\text{e}]$  e  $*[\text{ow}] > *[\text{o}]$  nas variantes orientais e a sua manutenção nas ocidentais: português “cousa/ferreiro”, galego “cousa/ferreiro”, asturiano “cousa  $\approx$  cosa/ferreiru  $\approx$  ferreru”;
- O alçamento de  $*[\text{a}\#] > *[\text{e}\#]$  ocorre apenas nas variantes orientais: português “vacas”, galego “vacas”, asturiano “vaques”;
- Ensurdem-se as fricativas sonoras, que se manterão distintas inicialmente no galego-português, mas, posteriormente, tomarão toda a franja setentrional da Península, inclusive o galego moderno: português “gente”, galego “xente”, asturiano “xente”;
- A pronúncia interdental de  $*[\text{ts}] > *[\text{θ}]$ , que também migrou de oeste para o leste e hoje se encontra também no galego moderno, mas que inexistia no período do galego-português: português “cerveja”, galego “cervexa”, asturiano “cerveza”;
- Palataliza-se o  $[\text{l}\$]$  nas variantes orientais: português “castelo”, galego “castelo”, asturiano “castiellu”;
- Vocaliza-se  $*[\text{ʌ}]$  já ocorrendo nesta sincronia nas variantes orientais, mas não nas ocidentais: português “velho”, galego “vello”, asturiano “vieyu”.
- Diferentemente do galego-português, as variantes orientais não sincopam o  $[\text{l}\$]$  e o  $[\text{n}\$]$  intervocálicos: português “céu”, galego “ceo”, asturiano “cielu”.

O sistema da variante iberorromânica do Noroeste Peninsular que se especializaria naquilo que chamaremos posteriormente de galego-português dispunha das seguintes unidades fônicas:

Vogais:		Semivogais:	
*[a]	*[ã]	*[j]	
*[e]	*[ê]	*[w]	
*[ɛ]			
*[i]	*[ĩ]	Consoantes:	
*[o]	*[õ]	*[b]	
*[ɔ]		*[d]	*[dz]
*[u]	*[ũ]	*[f]	
		*[g]	
Ditongos:		*[k]	
*[aj]	*[ãj]	*[l]	
*[aw]	*[ãw]	*[ʌ]	
*[ej]	*[êj]	*[m]	
*[ew]	*[êw]	*[n]	
*[ɛj]		*[ɲ]	
*[ɛw]		*[p]	
*[ij]	*[ĩj]	*[r]	*[r]
*[iw]	*[ĩw]	*[s]	
*[oj]	*[õj]	*[ʃ]	
*[ow]	*[õw]	*[t]	*[ts]      *[tʃ]
*[ɔj]		*[v]	
*[uj]	*[ũj]	*[z]	
*[uw]	*[ũw]	*[ʒ]	

No galego-português, apresentam-se algumas novas características:

- O \*[β] se funde ao \*[v], mas permanece na variação diatópica;



- ★[Vrj\$C]:<sup>9</sup> \*[er\$vj] > \*[ir\$vj]; \*[er\$b] > \*[er\$b]; \*[er\$vj] > \*[er\$vj]; \*[or\$mj] > \*[ur\$m];
- Também seguida de bilabial, ocorrem alçamentos como: \*[ej\$] > \*[i\$]; \*[oj\$] > \*[o\$];
  - Formação de nasais e subsequente queda do \*[n] intervocálico: \*[ej\$n] > \*[ẽ\$n]; \*[a\$nV] > \*[ã\$V]; \*[e\$nV] > \*[ẽ\$V]; \*[e\$nV] > \*[ẽ\$V]; \*[i\$nV] > \*[ĩ\$V]; \*[o\$nV] > \*[õ\$V]; \*[o\$nV] > \*[õ\$V]; \*[u\$nV] > \*[ũ\$V]; \*[ẽ\$en#] > \*[ẽ\$ẽ#];
  - Somente nesta sincronia pode-se postular uma simplificação completa de \*[n\$n] > \*[n];
  - Simplificações envolvendo nasais: \*[ã\$ow] > \*[ã\$o]; \*[ã\$oj] > \*[õ\$j]; \*[ã\$o] > \*[a\$õ]; desnasalização em: \*[õ\$fo] > \*[jo];
  - Iniciam-se nesta sincronia, as confusões com as semivogais de certos ditongos: \*[uj\$] > \*[uj\$] ≈ \*[uw\$]; \*[o\$] > \*[uj\$] ≈ \*[uw\$]; \*[oj\$r] > \*[oj\$r] ≈ \*[ow\$r]; \*[ow] > \*[ow] ≈ \*[oj]. A razão disso deve estar em alguma pronuncia dialetal do tipo \*[ou], \*[u], ainda detectável nas formas atuais;
  - Crases como \*[e\$er#] > \*[er#]; \*[e\$e] > \*[e\$]; \*[e\$e] > \*[e\$]; \*[e\$e] > \*[e\$];
  - Data desta sincronia também a apócope que se encontra em alguns casos de \*[e\$lo#] > \*[e\$lo#] ≈ \*[el#].

Os mesmos exemplos acima, na passagem S<sup>2</sup> > S<sup>3</sup>, ficariam da seguinte forma:

1. *[pree'gar] > *[prɛ'gar]	45. *['pretso] > *['pretso]
2. *[ini'migo] > *[ii'migo]	46. *['tʃaga] > *['tʃaga]
3. *[e'gwal] > *[e'gwal]	47. *['praja] > *['praja]
4. *[ʃa'bon] > *[ʃa'bon]	48. *[do'lor] > *[do'or]
5. *[ka'lomja] > *[ko'ojma]	49. *[maʃ'kar] > *[maʃ'kar]
6. *['tʃovja] > *['tʃujva]	50. *[ver'dade] > *[ver'dade]

<sup>9</sup> O símbolo ★ é usado, conforme Viaro (2011), para indicar formas inexistentes ou impossíveis em vez do asterisco chomskyano. O símbolo \* é estritamente reservado na sua interpretação schleicheriana, mais antiga, como “forma reconstruída” (portanto supostamente existente, ao menos em teoria). O uso contraditório do asterisco cria aporias no estudo diacrônico.

7. *[ver'gona] > *[ver'gona]	51. *['dedzimo] > *['dezimo]
8. *['rojfo] > *['rojfo]	52. *['lej] > *['lej]
9. *[ɔw'tonno] > *[ow'tono]	53. *['ʃɔl] > *['ʃɔl]
10. *['fogo] > *['fogo]	54. *[ɔw'ir] > *[ow'ir]
11. *['ʃɛjs] > *['ʃɛjs]	55. *[a'gojro] > *[a'gowro] ≈ *[a'gojro]
12. *[in'tejro] > *[in'tejro]	56. *[for'moʒa] > *[for'moʒa]
13. *['ʃejfo] > *['ʃejfo]	57. *['ɔdʒe] > *['oʒe]
14. *['ʃabja] > *['ʃajba]	58. *[kro'ɛl] > *[kru'ɛl]
15. *['pɛɛ] > *['pɛ]	59. *['tela] > *['tela]
16. *[tse'rejʒa] > *[tse'reʒa]	60. *['vena] > *['vɛa]
17. *[ʃɔ'berβja] > *[ʃɔ'bervja]	61. *['vedʒo] > *['veʒo]
18. *[mee'dzina] > *[mɛ'zĩa]	62. *[pri'mejro] > *[pri'mejro]
19. *[tsij'dade] > *[tsi'dade]	63. *['lejgo] > *['lejgo]
20. *[en'tfer] > *[en'tfer]	64. *['bejʒo] > *['bejʒo]
21. *[dʒan'nejro] > *[ʒa'nejro]	65. *['baʃjo] > *['baʃjo]
22. *['trawse] > *['trɔwse]	66. *['kɛr] > *['kɛr]
23. *['ʃɔwbe] > *['ʃɔwbe]	67. *['ɔwtro] > *['owtro]
24. *['agela] > *['agia]	68. *[a'mɔw] > *[a'mow]
25. *[eʃ'tejro] > *[eʃ'tejro]	69. *[a'mej] > *[a'mej]
26. *[ko'dzer] > *[ko'zer]	70. *['fajʃe] > *['fejʃe]
27. *[ko'nado] > *[ku'nado]	71. *['fejra] > *['fejra]
28. *['frujto] > *['fruto]	72. *[dʒuʃ'tedza] > *[ʒuʃ'teza]
29. *[ʃɛ'tejnta] > *[ʃɛ'têta]	73. *['vedzo] > *['vezo]
30. *['pradzo] > *['prazo]	74. *['kojro] > *['kojro] ≈ *['kowro]
31. *['vɛʎo] > *['vɛʎo]	75. *[pa'lomba] > *[po'omba]
32. *['kɔwʒa] > *['kowʒa] ≈ *['kojʒa]	76. *[pre'dzar] > *[pre'zar]
33. *['turβeo] > *['turvio]	77. *[e'gwal] > *[e'gwal]

34. *['beʃtʃa] > *['beʃta] ≈ *['bitʃa]	78. *[e'grɛjʒa] > *[e'greʒa]
35. *['pestse] > *['pejʃe]	79. *[deɫ'gado] > *['deɫ'gado]
36. *['virdʒen] > *['virʒɛ]	80. *['feze] > *['feze]
37. *[tʃa'jrɑr] > *['tʃej'rar]	81. *['fidzi] > *['fize]
38. *['uŋɫa] > *['uŋa]	82. *['mezɫ] > *['mezɫ]
39. *['nɔjte] > *['nojte]	83. *['pae] > *['pae]
40. *[ka'βallo] > *[ka'valo]	84. *['bratso] > *['bratso]
41. *[gal'lina] > *[ga'lĩa]	85. *['adʒa] > *['aʒa]
42. *['lana] > *['lãa]	86. *['bɔna] > *['bõa]
43. *[ɔw'riveze] > *[ow'riveze]	87. *['vi'niβa] > *['vĩ'ia]
44. *[ʃana'dio] > *['ʃãa'dio]	88. *['ʃa'eta] > *['ʃa'eta]

## 7 O PORTUGUÊS ANTIGO (SÉCULOS XIV-XVII)

Na sincronia S<sup>4</sup>, pode-se falar de um português antigo distinto de um galego antigo somente depois da conquista de Lisboa (1147) e da transferência da capital (1255). Variantes meridionais do antigo moçárabe se mesclaram, com certeza, às formas galego-portuguesas setentrionais e acirraram a distinção, que é particularmente visível na escrita após a Dinastia de Avis (1385-1580) e sob a União Ibérica (1580-1640). Quando podemos falar de uma língua portuguesa diferenciada da galega, observam-se as seguintes transformações:

Vogais:	Semivogais:
*[a]            *[ɐ]	*[j]
*[e]	*[w]
*[ɛ]	
*[o]	Consoantes:
*[ɔ]	*[b]
*[ẽ]	*[d]
*[õ]	*[f]

*[ɐ̃]		*[g]	
*[i]		*[k]	
*[ĩ]		*[l]	
*[u]		*[ʎ]	
*[ũ]		*[m]	
		*[n]	
Ditongos:		*[ɲ]	
*[aj]	*[ɐ̃]	*[p]	
*[aw]	*[ɐ̃w]	*[r]	*[r]
*[ej]		*[s]	
*[ew]		*[ʃ]	
*[ɛj]		*[ʝ]	
*[ɛw]		*[t]	*[tʃ]
*[iw]		*[v]	
*[oj]	*[õj]	*[z]	
*[ow]		*[ʒ]	
*[ɔj]		*[ʒ]	
*[uj]	*[ũj]		

Algumas características típicas da sincronia do português antigo:

- A preservação do \*[v] e das fricativas sonoras é, desde cedo, um fator diferenciador das falas portuguesas. Além disso, atestam-se, para esta sincronia, novas metáteses, a saber: \*[\$vɪ] > \*[l\$ɪv]; \*[\$vɪ] > \*[j\$ɪv]; \*[\$pɪ] > \*[j\$ɪp];
- Data-se desse período, conforme testemunha a gramática de Fernão de Oliveira (1536), o alçamento do \*[ã] para \*[ɐ̃] e a presença de \*[ɐ̃] na posição átona. Segundo Oliveira (cap. 8 “Das vogaes grandes e pequenas”): “Temos a grande como Almada e a pequeno como alemanha”. Tal passagem, que revela grande poder de observação do gramático quinhentista, poderia ser traduzida para a linguagem de hoje

como: “Temos [a] como em [a'l'madɐ] e [ɐ] como em [ɐ'le'mɐɐɐ]”. Comprova-se também, pela mesma passagem, o conhecido fenômeno do alçamento de \*[a] antes de nasais: \*[a\$N] > [ɐ\$N] e nas posições átonas (embora, nesse caso, deve ter havido variação \*[a] ≈ \*[ɐ], como comprova a pronúncia brasileira do português atual):<sup>10</sup>

- Metafonia: \*[e\$] antes de vogal aberta pode tornar-se \*[ɛ\$]; da mesma forma, \*[o\$] pode tornar-se \*[ɔ\$]; inversamente, \*[e\$] antes de vogal baixa torna-se \*[i\$] e \*[o\$], no mesmo contexto fônico, torna-se \*[u\$];
- Nasalização das vogais antes de \*[N\$C]: \*[an\$] > \*[ɛ̃n\$]; \*[en\$] > \*[ɛ̃n\$]; \*[in\$] > \*[ĩn\$]; \*[on\$] > \*[õn#]; \*[un\$] > \*[ũn\$]; \*[am\$] > \*[ɛ̃m\$]; \*[em\$] > \*[ɛ̃m\$]; \*[im\$] > \*[ĩm\$]; \*[om\$] > \*[õm#]; \*[um\$] > \*[ũm\$]; \*[aŋ\$] > \*[ɛ̃ŋ\$]; \*[eŋ\$] > \*[ɛ̃ŋ\$]; \*[iŋ\$] > \*[ĩŋ\$]; \*[oŋ\$] > \*[õŋ#]; \*[uŋ\$] > \*[ũŋ\$];
- Queda no \*[n] final: \*[an#] > \*[ɛ#]; \*[ãn#] > \*[ɛ̃#]; \*[en#] > \*[ɛ#]; \*[ẽn#] > \*[ɛ̃#]; \*[in#] > \*[ĩ#]; \*[ĩn#] > \*[ĩ#]; \*[on#] > \*[õ#]; \*[õn#] > \*[õ#]; \*[un#] > \*[ũ#]; \*[ũn#] > \*[ũ#];
- Novas transformações envolvendo as nasais: \*[o\$ɛ̃] > \*[õ\$ɛ̃]; \*[ɛ̃\$ɛ̃] > \*[ɛ̃\$ɛ̃]; \*[ã\$ɛ̃] > \*[a\$ɛ̃]; \*[a\$on#] > \*[ɐ̃\$on#]; \*[ɛ̃\$V] > \*[j]; \*[e\$ɛ̃] > \*[ɛ̃\$ɛ̃];
- Alçamento e síncope em: \*[u\$e] > \*[u\$ɪ]; \*[#°e\$] > \*[#°i\$]; \*[e\$'e] > \*[i\$'e]; \*[e\$'ɛ] > \*[i\$'ɛ]; \*[e\$ɪ] > \*[i\$ɪ]; \*[ɛ̃\$ej] > \*[ĩ\$ej]; e antes de consoantes sonoras, \*[oj\$C] > \*[oj\$C] ≈ \*[uj\$C]; \*[ɔw] > \*[ow];
- Síncope do iode em: \*[j] > \*[j]; \*[ɹj] > \*[ɹ]; \*[#aw\$st] > \*[#as\$st]; \*[Vj\$] > \*[j\$] ≈ \*[j];
- Apócope do \*[i#] átono e em \*[ze#] > \*[z#];
- Assimilação em \*[a\$en] > \*[e\$ɛ̃n]; \*[a\$e] > \*[ɛ\$ɛ̃]; \*[a\$ɔ] > \*[ɔ\$ɔ]; \*[ã\$ɛ̃] > \*[ɛ\$ɛ̃]; \*[a\$õ] > \*[o\$õ]; \*[ɛ̃\$en#] > \*[ɛ̃\$ɛ̃#]; \*[o\$a\$] > \*[o\$o\$]; \*[ɛ\$a] > \*[ɛ\$ɛ];
- Crase e monotongações em \*[ɛ̃\$e\$] > \*[ɛ̃\$]; \*[ɛ̃\$e#] > \*[ɛ̃#]; \*['e\$ĩ] > \*['i\$ĩ] > \*['ĩ]; \*[ɛ̃\$ɪi] > \*[ɛ̃\$]; \*[ɛ\$e] > \*[ɛ]; \*[i\$ĩ] > \*['ĩ]; \*[ĩ\$ɪ] > \*['ĩ]; \*[a\$a] > \*[a]; \*[ĩ\$e] > \*['ĩ]; \*['õ\$o] > \*['õ]; \*['õ\$u] > \*['õ]; \*[o\$o] > \*[o]; \*[ũ\$o] > \*['ũ]; \*[ũ\$u] > \*['ũ]; \*[u\$u] > \*[u]; \*[ɔ\$or#] > \*['ɔr#]; \*[ɔ\$o] > \*['ɔ]; \*['ow] > \*['o] ≈ \*['ow];
- Desnasalização em encontros nasais pretônicos \*[°ã\$a] > \*['a\$a]; \*[ã\$e] > \*['a\$e]; \*['o\$e] > \*['o\$e], \*['o\$ɛ̃] > \*['o\$ɛ̃], mas com possibilidade de preservação nos tônicos e postônicos: \*['ã\$a] > \*['a\$a] ≈ \*['ɐ\$a]; [ã\$e] > [ɛ̃\$e] > \*['ɛ\$]; \*['ã\$ɛ̃] > \*['ɛ̃\$e] > \*['ɛ\$]; \*['ɛ̃\$a] > \*['e\$a]; \*['ɛ̃\$o] > \*['e\$o]; \*['ɛ̃\$u] > \*['e\$u]; \*['õ\$a] > \*['o\$a]; \*['õ\$o] > \*['o\$o]; \*['ũ\$a] > \*['u\$a] ≈ \*['u\$ma];

<sup>10</sup> As referências para o E e para o O átonos em Oliveira não são tão claras, mas possivelmente, o \*[e] átono convivia com \*['i] e o \*[o] átono com \*['ɔ].

- A desnasalização também ocorre em quando a sílaba seguinte ao hiato tem uma coda: \*[\ã\$el] > \*[\e\$el]; \*[\ẽ\$er#] > \*[\e\$er#]; \*[\ĩ\$ir#] > \*[\i\$ir#]; \*[\ẽ\$ĩ\$N] > \*[\ej\$]; exceto em \*[\ẽ\$es#] > \*[\ẽ\$#];
- Reforço de \*[\r] em \*[\r] na transformação \*[\ẽ\$er#] > \*[\ẽ\$#];
- Ditongação em \*[\a\$e] > \*[\aj\$]; \*[\a\$o] > \*[\aw]; \*[\ã\$e] > \*[\õ]; \*[\ã\$o] > \*[\ẽw]; \*[\e\$es#] > \*[\ej\$#]; \*[\e\$es#] > \*[\ej\$#]; \*[\e\$o] > \*[\ew]; \*[\õ\$e] > \*[\õ]; \*[\o\$u#] > \*[\ow#]; \*[\u\$e] > \*[\uj];
- Lenização em \*[\ð] e síncope do \*[\d] intervocálico em terminações verbais \*[\a\$des#] > \*[\a\$ðes#] > \*[\a\$es#]; \*[\e\$des#] > \*[\e\$ðes#] > \*[\e\$es#]; \*[\i\$des#] > \*[\i\$ðes#] > \*[\i\$es#];
- Epêntese em \*[\e\$ĩ\$V] > \*[\e\$ĩ\$ŋV]; \*[\ẽ\$ar#] > \*[\e\$ŋar#]; \*[\ẽ\$ar#] > \*[\i\$ŋar#] ≈ \*[\e\$ar#]; \*[\ĩ\$ej] > \*[\i\$ŋej]; \*[\ĩ\$a] > \*[\i\$ŋa]; \*[\ĩ\$o] > \*[\i\$ŋo]; \*[\w\$ĩ] > \*[\w\$vi] ≈ \*[\\$i]; \*[\w\$a] > \*[\w\$va] ≈ \*[\\$a];
- A perda de oposição fonológica entre /v:/b/ já se vê em \*[\r\$V] > \*[\r\$V] ≈ \*[\r\$b].

Os mesmos exemplos, na passagem S<sup>3</sup> > S<sup>4</sup>:

1. *[\prɛ'gar] > *[\prɛ'gar]	45. *[\pretso] > *[\pretso]
2. *[\ĩ'migo] > *[\ĩ'migo]	46. *[\tʃaga] > *[\tʃagɐ]
3. *[\e'gwal] > *[\i'gwal]	47. *[\praja] > *[\prajɐ]
4. *[\ʃa'bon] > *[\ʃp'bõ]	48. *[\do'or] > *[\dor]
5. *[\ko'ojma] > *[\kojme]	49. *[\maʃ'kar] > *[\mɐʃ'kar]
6. *[\tʃujva] > *[\tʃujvɐ]	50. *[\ver'dade] > *[\ver'dade]
7. *[\ver'goŋa] > *[\ver'goŋɐ]	51. *[\dezimo] > *[\dizimo]
8. *[\roʃjo] > *[\roʃo]	52. *[\lej] > *[\lej]
9. *[\ow'tono] > *[\ow'tono]	53. *[\ʃɔl] > *[\ʃɔl]
10. *[\fogo] > *[\fogo]	54. *[\ow'ir] > *[\ow'vir]
11. *[\ʃɛjs] > *[\ʃɛjs]	55. *[\a'gowro] > *[\v'gowro]
12. *[\in'tejro] > *[\ĩn'tejro]	56. *[\for'moza] > *[\for'mɔzɐ]
13. *[\ʃɛjʃo] > *[\ʃɛjʃo]	57. *[\oze] > *[\oze]
14. *[\ʃajba] > *[\ʃajbɐ]	58. *[\kru'el] > *[\kru'el]

15. *['pɛ] > *['pɛ]	59. *['tea] > *['teɐ]
16. *[tse'reʒa] > *[tse'reʒɐ]	60. *['vɛ̃a] > *['veɐ]
17. *[ʃo'bervja] > *[ʃo'berbɐ]	61. *['veʒo] > *['veʒo]
18. *[mɛ'zĩa] > *[mɛ'ziɲɐ]	62. *[pri'mejro] > *[pri'mejro]
19. *[tsi'dade] > *[tsi'dade]	63. *['lejgo] > *['lejgo]
20. *[en'tʃɛr] > *[ɛ̃n'tʃɛr]	64. *['bejʒo] > *['bejʒo]
21. *[ʒa'nejro] > *[ʒɐ'nejro]	65. *['baʃjo] > *['baʃjo]
22. *['trɔwse] > *['trɔwse]	66. *['kɛr] > *['kɛr]
23. *['ʃowbe] > *['ʃowbe]	67. *['owtro] > *['owtro]
24. *['agia] > *['agiɐ]	68. *[a'mow] > *['ɐ'mow]
25. *[eʃ'tejro] > *[eʃ'tejro]	69. *[a'mej] > *['ɐ'mej]
26. *['ko'zer] > *['ko'zer]	70. *['fejɛ] > *['fejɛ]
27. *['ku'ɲado] > *['ku'ɲado]	71. *['fejra] > *['fejɾɐ]
28. *['fruto] > *['fruto]	72. *[ʒus'teza] > *[ʒus'tezɐ]
29. *[ʃɛ'tɛta] > *[ʃɛ'tɛta]	73. *['vezo] > *['vezo]
30. *['prazo] > *['prazo]	74. *['kowro] > *['kowro]
31. *['vɛʎo] > *['vɛʎo]	75. *[po'omba] > *[po'õmbɐ]
32. *['kojʒa] > *['kojʒɐ]	76. *[pre'zar] > *[pre'zar]
33. *['turvio] > *['turvio]	77. *[e'gwal] > *['i'gwal]
34. *['beʃta] > *['beʃtɐ]	78. *[e'greʒa] > *['i'greʒɐ]
*['bitʃa] > *['bitʃɐ]	79. *[deʃ'gado] > *[deʃ'gado]
35. *['pejɛ] > *['pejɛ]	80. *['feze] > *['fez]
36. *['virʒɛ̃] > *['virʒɛ̃]	81. *['fize] > *['fiz]
37. *['tʃej'rar] > *['tʃej'rar]	82. *['mezɹ] > *['meʃɹ]
38. *['uɲa] > *['uɲɐ]	83. *['pae] > *['paj]
39. *['nojte] > *['nojte]	84. *['bratso] > *['bratso]
40. *['ka'valo] > *['kɐ'valo]	85. *['aʒa] > *['aʒɐ]
41. *['ga'lĩa] > *['gɐ'liɲɐ]	86. *['bõa] > *['boɐ]

42. *['lãa] > *['lɛ̃]	87. *[vĩ'ia] > *['viɲe]
43. *[ow'riveze] > *[ow'rivez]	88. *[ʃa'eta] > *[ʃɛ'etɐ]
44. *[ʃãa'dio] > *[ʃaa'dio]	

## 8 O PORTUGUÊS MODERNO (SÉCULOS XVIII-XXI)

O terremoto de Lisboa (1º de novembro de 1755) é o marco para a aceleração de profundas modificações linguísticas conhecidas após o término da União Ibérica. Dentro do período moderno, ou sincronia S<sup>5</sup>, acirram-se as diferenças entre o português europeu e o brasileiro entre o século XVIII e XIX, sobretudo durante a regência de Marquês de Pombal (entre 1750 e 1777) e após a vinda da corte em 1808.

As características mais marcantes que diferenciarão o português europeu do brasileiro neste período são:

- A fricativização das oclusivas sonoras intervocálicas no português europeu;
- A transformação de \*[t] e \*[d] em africadas no português brasileiro;
- A centralização de vogais anteriores no português europeu;
- A vocalização do [ɨ] no português brasileiro;
- A ditongação por iode de vogais tônicas antes de /S/ no português brasileiro;
- As distintas formas de realização dos antigos \*[r] e \*[r];
- 

As variantes mais representativas do português atual têm os seguintes segmentos (muitos deles sem valor fonológico):

Vogais:	Consoantes:
[a]    [ɐ]    [ɛ̃]	[b]            [β]
[e]            [ẽ]	[d]            [ð]            [dʒ]
[ɛ]	[f]
[i]            [ĩ]	[g]            [ɣ]
[o]            [õ]	[h]

[ɔ]		[k]	
[u]	[ũ]	[l]	[ʎ]
		[ʎ]	
Ditongos:		[m]	
[aj]	[ɛ̃]	[n]	
[aw]	[ɛ̃w]	[ɲ]	
[ej]	[ɛ̃j]	[p]	
[ew]		[r]	[ɾ]
[ɛj]		[r]	[ʀ]
[ɛw]		[s]	[θ]
[iw]		[ʃ]	
[oj]	[õj]	[t]	[tʃ]
[ow]	[õw]	[v]	
[ɔw]		[x]	
[ɔj]		[z]	
[uw]		[ʒ]	
[uj]	[ũj]		
Semivogais:			
[j]			
[w]			

Características do português moderno são:

- Simplificação das africadas: \*[ts] > [s] desde a sincronia anterior e, posteriormente, \*[tʃ] > [ʃ]. Teyssier (1980) situa a última transformação no final do século XVII;
- Neutralização, em curso desde o século XVI, da distinção entre \*[s̺] e \*[s]; e entre \*[z̺] e [z]: \*[s̺] > \*[s] ≈ \*[s̺]; \*[s] > \*[s] ≈ \*[s̺]; \*[z̺] > \*[z] ≈ \*[z̺]; \*[z] > \*[z] ≈ \*[z̺]. Vasconcelos (1926, 1985) menciona a existência no final do século XIX e do século XX, da oposição do “s côncavo” (apicoalveolar) e

do “ç convexo” (dorsoalveolar) em muitas localidades. Por exemplo, diz que na linguagem popular de Parada do Monte, “o s distingue-se do ç, como em toda a raia do Norte e na Beira, por exemplo: çinco, seis, o que, como é sabido, está de acôrdo com a ortografia antiga”. Afirmações parecidas existem para a fala de Aguiar da Beira, Alfândega da Fé, Algodres, Almeida, Avelanoso, Bragada, Bragança, Campo de Víboras, Canas de Senhorim, Carção, Carragosa, Carrazeda de Ansiães, Carregal do Sal, Carvalhais, Carvalhal, Castorigo, Castro de Avelãs, Celorico da Beira, Chãs de Tavares, Chaves, Conlelas, Curopos, Deilão, Figueira de Castelo Rodrigo, Izeda, Lajeosa, Lamas, Laviados, Lebução, Macedo de Cavaleiros, Mangualde, Matança, Matela, Meda, Melgaço, Moimenta, Monção, Montalegre, Montezinho, Moreira de Rei, Murça, Murtosa, Nave de Haver, Paredes de Coura, Pedras Salgadas, Quinta da Ponte, Ribeira da Pena, Rio Frio, S. Joanico, Sacoias, Salselas, Santa Comba, Santulhão, Sarapicos, Seia, Sezures, Soutelo, Telões, Tondela, Torre de D. Chama, Vale de Nogueira, Valença, Valpaços, Vargem, Vila Verde de Chaves, Vilar Formoso, Vilar Seco e Vimioso.

- Palatalização de \*[ç], \*[s], \*[z] e [z] em posição de coda: em posição final e antes de consoante surda, uma outra opção é [j], desde o século XVIII, segundo Teyssier (1980); antes de consoante sonora, o mesmo ocorre com a realização [ʒ]. O antigo encontro \*[çts] > \*[sçs], que se realiza diatopicamente como [çs] ≈ [ʃs].
- A convergência de vários sons para o som [ẽw#]: \*['õ\$e#] > ['ẽw#]; \*['õ#] > ['ẽw#]; \*['õ#] > [°ẽw#]; \*[°ẽ#] > [°ẽw#] ≈ [°ẽw#];
- Novas ditongações: \*[V\$e] > [Vj]; \*[V\$o] > [Vw]; \*[°e\$] > [°ju]; \*[°e\$a] > [°ja]; \*[°i\$] > [°ju]; \*[°i\$a] > [°ja]; \*[ẽ\$] > [ẽ\$] ≈ [ẽj\$]; \*[õ\$] > [õ\$] ≈ [õw\$]. Também é comum a ditongação em [j] de vogais tônicas seguidas de [s#] ou [ʃ#], e diatopicamente também se registra o mesmo fenômeno antes de [s\$C], [z\$C], [ʃ\$C] e [ʒ\$C] ou, na mesma posição, com vogais átonas;
- Novas crases e monotongações: \*[e\$e] > \*[e]; \*[e\$a] > [e]; \*[a\$a] > [a]; \*[ẽ\$e] > [ẽ]; \*[ẽ\$ẽ] > [ẽ]; \*[e\$e] > [e]; \*[o\$] > [o]; \*[o\$õ] > [õ]; \*[e\$e#] > [e#]; \*[e\$e] > [e]; \*[i\$] > [i]; \*[ẽ\$ẽ#] > [ẽ\$ẽ#] ≈ [ẽ#]; \*[o\$a] > [o]; \*[e\$e] > \*[e]; monotongação diante de consoante bilabial ou palatal de \*[iw] > [u] e de \*[ju] > [u];
- Alçamento das átonas: [°ajs#] > [°ejs#]; \*['o] > [°o] ≈ u ≈ [°u]; \*['e] > [°e] ≈ [°i] ≈ [°i] ≈ [°ə]. A forma [°ə] é presente no português europeu desde o

- século XIX, segundo Teyssier (1980). A centralização de \*[e] e \*[ẽ] também ocorre antes de palatal no mesmo período: \*[e\$ʃ] > [e\$ʃ] ≈ [e\$ʃ]; \*[e\$ʒ] > [e\$ʒ] ≈ [e\$ʒ]; \*[e\$ʎ] > [e\$ʎ] ≈ [e\$ʎ]; \*[e\$ʝ] > [e\$ʝ] ≈ [e\$ʝ]; \*[e\$ʝ] > [e\$ʝ] ≈ [e\$ʝ]; \*[ẽ\$] > [ẽ\$] ≈ [ẽ\$] ≈ [ẽ\$];
- Manutenção ou queda das nasais antes de consoantes: \*[m\$C] > [m\$C] ≈ [C]; \*[n\$C] > [n\$C] ≈ [C]; \*[ɲ\$C] > [ɲ\$C] ≈ [C];
  - Centralização de vogais anteriores diante de palatais: \*[e\$ʃ] > [e\$ʃ] ≈ [i\$ʃ]; \*[i\$ʃ] > [i\$ʃ] ≈ [i\$ʃ]; \*[e\$ʒ] > [e\$ʒ] ≈ [i\$ʒ]; \*[i\$ʒ] > [i\$ʒ] ≈ [i\$ʒ]; \*[e\$ʎ] > [e\$ʎ] ≈ [i\$ʎ]; \*[i\$ʎ] > [i\$ʎ] ≈ [i\$ʎ]; também em sequências de [i], é comum haver dissimilação para [ə], como atesta Viana (1883) para casos como: ministro [mø'niʃtru], militar [møli'tar], dividiria [døvødi'riø], fechar [fi'ʃar], vicejar [vøsi'ʒar], telhado [ti'ʎaðu], privilegiado [prøvøliʒi'aðu].
  - Africativização de \*[t] e \*[d] antes de vogal anterior fechada ou iode: \*[ti] > [tʃi]; \*[tĩ] > [tʃĩ]; [tj] > [tʃ]; \*[di] > [dʒi]; \*[dĩ] > [dʒĩ]; [dj] > [dʒ];
  - Lenização das oclusivas sonoras intervocálicas \*[V\$bV] > [V\$bV] ≈ [V\$βV]; \*[V\$dV] > [V\$dV] ≈ [V\$ðV]; \*[V\$gV] > [V\$gV] ≈ [V\$ɣV];
  - Epêntese para desfazer hiatos \*[e\$a] > \*[e\$ja]; \*[e\$u] > \*[e\$ju]; \*[e\$a] > \*[e\$ja]; \*[e\$u] > \*[e\$ju]; \*[ĩ\$a] > [i\$na]; \*[ĩ\$o] > [i\$no]; \*[o\$a] > \*[o\$wa];
  - Monotongação de \*[ow] > [ow] ≈ [o], segundo Teyssier (1980), desde o século XVII, e de \*[ej] > [ej] ≈ [e] antes de \*[ʃ], \*[ʒ] e \*[r] desde o século XIX;
  - Pronúncia uvular ou laringal do \*[r] > [r] ≈ [R] ≈ [h] ≈ [x];
  - Velarização ou rotacismo de \*[l\$] > [l\$] ≈ [r\$] ≈ [ɹ\$]. Posteriormente, vocalização de [l\$] > [l\$] ≈ [w\$], que gera novos ditongos como [ow] e [uw]. Diatopicamente, é nessa posição que se verifica também a retroflexão ou lenização de [r\$] > [r\$] ≈ [ɹ\$] ≈ [h\$] ≈ [x\$]; mais recentemente o \*[\$l] se velariza como [\$ɫ] em posição de ataque silábico também em algumas variantes.
  - Diatopicamente e, depois diastraticamente, outras transformações, algumas remontando já ao século XVI, acirram-se nas variantes faladas desta sincronia: \*[v] > [β] ≈ [x]; \*[ʎ] > [j] ≈ [ʎ]; \*[r] > [ɣ], \*[s] > [θ], \*[z] > [ð], entre outras.

Os mesmos exemplos acima apresentados, na passagem de S<sup>4</sup> > S<sup>5</sup> são (na forma de algumas variantes representativas da sincronia S<sup>5</sup>):

1. *[pre'gar] > [pre'yar] ≈ [pre'gar] ≈ [pre'ga]	45. *['pretso] > ['presu]
2. *[ĩ'migo] > [ĩ'miyu] ⇒ [ini'miyu] ≈ [ini'migu]	46. *['tʃagɐ] > ['ʃaga] ≈ ['ʃagɐ]
3. *[i'gwal] > [i'ɣwaɫ] ≈ [i'gwaw]	47. *['prajɐ] > ['praja] ≈ ['prajɐ]
4. *[ʃp'bõ] > [se'βẽw] ≈ [sa'bẽw]	48. *['dor] > ['dor] ≈ ['dox] ≈ ['doɪ] ≈ ['doh]
5. *['kojmɐ] > ['kojmɐ] ≈ ['kojma]	49. *[mɐs'kar] > [mas'kar] ≈ [maj'kar]
6. *['tʃujvɐ] > ['juvɐ] ≈ ['juva]	50. *[ver'dade] > [ver'dadi] ≈ [vɐr'ðaðɔ] ≈ [ver'dadʒi] ≈ [veh'dadʒi]
7. *[ver'goɲɐ] > [ver'goɲɐ] ≈ [veh'goɲa] ≈ [veɫ'goɲa] ≈ [vɛx'gõja]	51. *['dizimo] > ['dizimu] ≈ ['dʒizimu]
8. *['rofo] > ['rofu] ≈ ['roʃu] ≈ ['hoʃu] ≈ ['xoʃu]	52. *['lej] > ['lej] ≈ ['lɛj]
9. *[ow'tono] > [ow'tonu] ≈ [o'tõnu]	53. *['ʃɔɫ] > ['sɔɫ] ≈ ['sɔw]
10. *['fogo] > ['fogu] ≈ ['foyu]	54. *[ow'vir] > [ow'vir] ≈ [o'vir] ≈ [o'vi]
11. *['ʃɛjs] > ['sejs] ≈ ['sɛjʃ] ≈ ['sejʃ]	55. *['ɐ'gowro] > [a'gowru] ≈ [a'ɣoru] ≈ [a'goru]
12. *[ĩn'tejro] > [ĩn'tejru] ≈ [ĩn'ɛjru] ≈ [ĩ'teru]	56. *['for'mɔzɐ] > [for'mɔza] ≈ [fur'mɔzɐ] ≈ [foh'mɔza]
13. *['ʃɛjʃo] > ['sejʃu] ≈ ['sefu] ≈ ['sɛjʃu]	57. *['oʒɛ] > ['oʒi] ≈ ['oʒi]
14. *['ʃajbɐ] > ['sajba] ≈ ['sajβɐ]	58. *[kru'ɛɫ] > [kru'ɛɫ] ≈ [kru'ɛw]
15. *['pɛ] > ['pɛ]	59. *['tɛɐ] > ['teja] ≈ ['tɛjɐ]
16. *[tse'reʒɐ] > [se'reʒa] ≈ [sə'rɛʒa]	60. *['vɛɐ] > ['veja] ≈ ['vɛjɐ]
17. *[ʃɔ'berbɐ] > [so'berba] ≈ [su'βɛrβɐ]	61. *['veʒo] > ['veʒu] ≈ ['vɛʒu]
18. *[mɛ'zipɐ] > [mɛ'zipɐ]	62. *['pri'mejro] > [pri'mejru] ≈ [pri'meru] ≈ [pri'mɛjru]

19. *[tsi'dade] > [si'dadi] ≈ [si'ðaðə]	63. *['lejgo] > ['lejgu] ≈ ['ləjɣu]
20. *[ẽn'tfer] > [ẽ'fer] ≈ [ẽj'fe]	64. *['bejʒo] > ['bejʒu] ≈ ['bɛjʒu] ≈ ['beʒu]
21. *[ʒv'nejro] > [ʒv'nejru] ≈ [ʒv'nɛjru] ≈ [ʒa'neru]	65. *['bajfo] > ['bajfu] ≈ ['bafu]
22. *['trowse] > ['trowsi] ≈ ['trosə] ≈ ['trosi]	66. *['kɛr] > ['kɛr] ≈ ['kɛx] ≈ ['kɛh] ≈ ['kɛɪ] ≈ ['kɛ]
23. *['ʃowbe] > ['sowbi] ≈ ['soβə] ≈ ['sobi]	67. *['owtro] > ['owtru] ≈ ['otru]
24. *['agiɐ] > ['agja] ≈ ['agjɐ]	68. *['v'mow] > [v'mow] ≈ [v'mo]
25. *[es'tejro] > [es'tejru]	69. *['v'mej] > [v'mej] ≈ [v'mɛj]
26. *['ko'zer] > [ko'zer]	70. *['fejje] > ['fejji] ≈ ['fejji]
27. *['ku'nado] > [ku'nadu] ≈ [ku'naðu]	71. *['fejre] > ['fejra] ≈ ['fɛjre] ≈ ['fɛra]
28. *['fruto] > ['frutu]	72. *['ʒus'tezɐ] > [ʒus'teza] ≈ [ʒuʃ'tezɐ]
29. *['ʃɛ'tɛtɛ] > [se'tɛta] ≈ [sə'tɛjtɛ]	73. *['vezo] > ['vezu]
30. *['prazo] > ['prazu]	74. *['kowro] > ['kowru] ≈ ['koru]
31. *['vɛʎo] > ['vɛʎu]	75. *['po'õmbɐ] > ['põba] ≈ ['põmbɐ]
32. *['kojzɐ] > ['kojza]	76. *['pre'zar] > [prə'zar] ≈ [pre'zar]
33. *['turvio] > ['turvu] ≈ ['tuxvu]	77. *['i'gwal] > [i'ɣwaɫ] ≈ [i'gwaw]
34. *['beʃtɐ] > ['besta] ≈ ['beʃtɐ] *['bitɐ] > ['biʃa] ≈ ['biʃɐ]	78. *['i'greʒɐ] > [i'greʒa] ≈ [i'greʒɐ]
35. *['pejje] > ['pejji] ≈ ['pɛjɛ] ≈ ['peji]	79. *['deɫ'gado] > [deɫ'gaðu] ≈ [dew'gadu]
36. *['virʒɛ] > ['virʒɛ] ≈ ['virʒi] ≈ ['viɫʒi] ≈ ['vixʒi]	80. *['fez] > ['fes] ≈ ['fejs] ≈ ['fej]
37. *['tfej'rar] > [fej'rar] ≈ [fɛj'rar] ≈ [fe'ra]	81. *['fiz] > ['fis] ≈ ['fi]
38. *['unɐ] > ['una] ≈ ['unɐ]	82. *['meʃ] > ['mes] ≈ ['mej] ≈ ['mejs] ≈ ['mej]
	83. *['paj] > ['pai]

39. *['nojte] > ['nojti] ≈ ['nojtə] ≈ ['nojtʃi]	84. *['bratso] > ['brasu]
40. *[ka'valo] > [ka'valu]	85. *['aʒa] > ['aʒa] ≈ ['aʒɐ]
41. *[gɐ'liɲɐ] > [ga'liɲa] ≈ [gɐ'liɲɐ]	86. *['boɐ] > ['boa] ≈ ['boɐ] ≈ ['bowa]
42. *['lɛ̃ɛ] > ['lɛ]	87. *['viɲɐ] > ['viɲa] ≈ ['viɲɐ] ≈ ['vĩa]
43. *[ow'rivez] > [ow'rives] ≈ [o'riviʃ]	88. *[ʃɛ'etɐ] > ['seta] ≈ ['setɐ]
44. *[ʃaa'dio] > [sa'diw] ≈ [sa'ðiw]	

## 9 CONCLUSÕES

O estudo detalhado das sincronias pretéritas e sua reconstrução são atividades de extrema importância para a formulação de hipóteses em linguística diacrônica. Como apresentado neste trabalho, cada sincronia é um recorte artificial e deve, portanto, ser fundamentada na chamada “história externa” para que sejam verossímeis. Para isso, é preciso ter entre os pressupostos que as unidades políticas tendem ao estabelecimento de uma *koiné*, mas a variação diatópica, diastrática e diafásica estará sempre presente.

Ao se fazer os recortes sincrônicos, não se espera, porém, encontrar uma única forma em cada sincronia.

Além disso, mudanças fonéticas podem ter um caráter pancrônico (isto é, podem perpassar mais de uma diacronia): a metátese de [j] é um desses fenômenos. Contudo, a frequência maior de metáteses específicas revelam apenas uma maior tolerância às metáteses numa sincronia específica.

Assim sendo, a metátese [ʃrj] > [jʃr] de S<sup>1</sup> é mais antiga que a de [ʃj] > [jʃ], de S<sup>2</sup> e esta, mais antiga que a de [ʃbj] > [jʃb], de S<sup>3</sup> como provam os alçamentos vocálicos específicos de cada época: PRĪMĀRĪUM > *primeiro*, \*BASĪUM > *baixo*, SAPIĀM > *saiba*. Sem a reconstrução dos sistemas em suas devidas sincronias pretéritas, esse tipo de afirmação seria quase impossível de ser comprovada (embora tenha sido já observada por Williams em 1938).

No estudo das passagens de uma sincronia para outra, há sabidamente formas que se conservam e outras que se alteram. Um fenômeno também pode ter amplitude translinguística, devido à arealidade: por exemplo, a perda de

---

oposição entre \*/b/ e \*/v/ e o ensurdecimento das fricativas aconteceu muito cedo no galego (MAIA, 1986) e hoje participa também do castelhano, sem que o segundo fenômeno tenha atingido o português.

A direção desses fenômenos areais e a determinação das isoglossas nas sincronias pretéritas só podem ser conseguidas por meio do estudo dos documentos e da dialetologia. Trata-se de um novo desafio o estabelecimento de isoglossas precisas para a língua portuguesa dentro do ambiente ibérico e românico em sincronias pretéritas.

Esperamos que este artigo talvez possa contribuir para o futuro entendimento mais completo desses fenômenos, o que seria de grande valia para a Filologia Românica e para a Linguística Histórica, em geral, e para a Etimologia da língua portuguesa, em particular.

## REFERÊNCIAS

- BUCHI, É.; SCHWEICKARD, W. (Éd.). *Dictionnaire étymologique roman (DÉRom): génèse, méthodes et résultats*. Berlin: Walter de Gruyter, 2014. (Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie, Band 381).
- COELHO, A. *A lingua portugueza - phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868.
- CORNU, J. Grammatik der portugiesischen Sprache. In: GRÖBER, G. *Grundriss der romanischen Philologie*. Straßburg: Trübner, 1888. p. 715-803.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.
- DIAZ Y DIAZ, M. C. *Antología del latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1950.
- DIEZ, F. C. *Grammatik der romanischen Sprachen*. Bonn: Eduard Weber, 1836-1844. 3 v.
- EMILIANO, A. H. de A. Latin or Romance? Graphemic Variation and Scripto-Linguistic Change in Mediaeval Spain. In: WRIGHT, R. (Ed.). *Latin and Romance languages in the Early Middle Ages*, London: Routledge, 1991. p. 233-247.
- EMILIANO, A. H. de A.; PEDRO, S. De Noticia de Torto: aspectos paleográficos e scriptográficos e edição do mais antigo documento particular português conhecido, *Zeitschrift für romanische Philologie*, Tübingen, v. 120, n. 1, p. 1-81, 2004.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1932.
- FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
- GIFFORD, D. J.; HODCROFT, F. W. *Textos lingüísticos del medioevo español*. Oxford: The Dolphin, 1966.

- 
- GRANDGENT, C. H. *Introduction to Vulgar Latin*. Boston: D. C. Heath & Co, 1907.
- LAUSBERG, H. *Romanische Sprachwissenschaft*. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1956-1962. 3 v.
- LEONI, Francisco Evaristo. *Genio da lingua portugueza ou causas racionaes e philologicas de todas as formas e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos auctores latinos e vulgares*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1858. 2 v.
- LINDSAY, W. M. *A short historical Latin grammar*. Oxford: at the Clarendon, 1895.
- MACHADO FILHO, A. V. L. *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MAIA, C. de A. *História do galego-português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1986.
- MAURER Jr, T. H. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: FFLCH: USP, 1951.
- MAURER Jr, T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- MAURER Jr, T. H. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.
- MEYER-LÜBKE, W. *Grammatik der romanischen Sprachen*. Leipzig: Reisland, 1890-1902. 4 v.
- MEYER-LÜBKE, W. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter, 1911.
- MORALA RODRÍGUEZ, J. R. (Ed.). *El leonés en el siglo XXI: un romance milenario ante el reto de su normalización*. [S.l.]: Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, 2009.
- NEBRIJA, E. A. de. *Grammatica castellana*. Salamanca: Juan de Zúñiga, 1479.
- NUNES, J. J. *Chrestomathia archaica: excerptos da litteratura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao seculo XVI acompanhados de introdução gramatical, notas e glossario*. Lisboa: Ferreira & Oliveira, 1906.
- NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1919.
- NUNES DE LEÃO, Duarte. *Origem da lingua portuguesa*. Lisboa: Pedro de Crasbeeck, 1606. Disponível em: <<http://purl.pt/50/3/>>. Acesso em: abr. 2015.
- NUNES DE LEÃO, Duarte. *Orthographia da lingoa portuguesa: obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem orige; Item hum tractado dos pontos das clausulas*. Lisboa: João da Barreira, 1576. Disponível em: <<http://purl.pt/15/3/>>. Acesso em: abr. 2015.
- [SAUSSURE, F. M. de]. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1967.
- SCHUCHARDT, H. E. M. *Der Vokalismus des Vulgärlateins*. Leipzig: Teubner, 1866-1868. 3 v.
- SILVA NETO, S. da. *Fontes do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.
- SILVA NETO, S. da. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1957.

- 
- TEYSSIER, P. *Histoire de la langue portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.
- VÄÄNÄNEN, V. *Introduction au latin vulgaire*. Paris: Klincksieck, 1962.
- VASCONCELOS, J. L. de. (Ed.). *Revista lusitana: arquivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal, publicado com a collaboração dos especialistas portugueses e a de alguns estrangeiros*. Porto: Livraria Portuense de Lopez & C<sup>a</sup>, 1887.
- VASCONCELOS, J. L. de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris: Aillaud & Cie, 1901.
- VASCONCELOS, J. L. de. *Opusculos: v. 2*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. (Dialectologia, parte 1).
- VASCONCELOS, J. L. de. *Opusculos: v. 6*. Coimbra: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. (Dialectologia parte 2).
- VIANA, A. dos R. G. *Éssai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*. *Romania*, Paris, v. 12, p. 29-98, 1883.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- VIARO, M. E. Linguística da comunicação e Linguística descritiva: os eixos sincrônico e diacrônico nos atuais modelos de Morfologia. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 277-290, jan./abr. 2012. Disponível em: <[http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012\\_Integra\\_v1.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_Integra_v1.pdf)>.
- VIARO, M. E. Semelhanças entre o português brasileiro e as variantes africanas e asiáticas. In: SILVA, L. A. da (Org.). *A língua que falamos. Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005. p. 211-251.
- WILLIAMS, E. B. *From Latin to Portuguese: historical Phonology and Morphology of the Portuguese language*. Oxford: Oxford University Press, 1938.